

REMISSÃO DE PECCADOS

COMEDIA EM CINCO ACTOS

POR

Joaquim Manoel de Macedo.

RIO DE JANEIRO.
EM CASA DO EDITOR
A. A. DA CRUZ COUTINHO
75 RUA DE S. JOSÉ 75
—
1870

Typographia — PERSEVERANÇA — rua do Hospicio n. 91.

THEATRO S. LUIZ. (*)

Anda actualmente em scena n'este theatro uma comedia em 5 actos do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, a *Remissão de peccados*. Apesar da designação de comedia, segundo a idéa que geralmente se liga á palavra, não é esta uma composição ligeira principalmente destinada a recrear e divertir, occupando-se ao mesmo tempo mais ou menos com a reforma dos costumes. A acção é toda dramatica, envolvendo paixões fortes e situações violentas.

Remissão de peccados escreveu o autor no alto da sua comedia, e com effeito encontramos aqui diversos peccados e peccadores remettidos ou perdoados uns pelos outros. Adriano consome no jogo a fortuna que lhe trouxera sua mulher, e quasi esquece esta, que é um anjo de virtude e candura, pela louca paixão que lhe inspira uma creatura indigna. D'estes dous feissimos peccados e seus estragos é elle não sabemos se remettido ou remido pelas exhortações e dinheiro de Clarimundo. Esta mesma remissão dá occasião a que Clarimundo, occulto pai de Adriano, reconheça o filho e case com Ursula, de quem o houvera, offerecendo-nos o quadro de mais dous peccadores perdoados. Apenas se poderia dizer

(*) Do *Journal do Commercio*, transcrevemos a apreciação feita á comedia do Sr. Dr. Macedo, ultimamente representada no theatro de S. Luiz.

que a remissão de tão grandes peccados é um tanto facilmente obtida.

Escripta no estylo brilhante e muitas vezes sarcastico do Sr. Dr. Macedo, a comedia abunda em bons ditos. Tem varios lances que impressionam fortemente, e delineadas por mão experimentada as scenas succedem-se naturalmente mantendo vivo o interessê do espectador. O primeiro acto passa-se n'uma casa de jogo, cujos tenebrosos mysterios são desvendados em toda a sua hediondez. E' um bello quadro de costumes, em que se patenteam muitas chagas sociaes, entre as quaes principiamos a perceber o fio da acção do drama, Fabio, no intuito de seduzir Helena, esposa de Adriano, já precipitára este na voragem do jogo, e agora fórma um pacto infame com o dono da espelunca, Braulho, que deve fazer com que Dionysia, una rapariga perdida, que elle faz passar por sua sobrinha, induza Adriano, já apaixonado por ella, a raptal-a, afim de que o escandalo dado pelo marido aplane o caminho ao seductor da esposa.

O segundo acto passa-se no salão do *Theatro Lyrico*, scena excellentemente pintada, e que não pôde dar senão a melhor idéa do novo pintor do theatro, o Sr. Rocha. A vista foi muito applaudida, e com razão; a prespectiva é de uma illusão perfeita, e se em alguma cousa pecca é por excesso, sendo talvez demasiado o fundo. Aqui Clarimundo, que fôra o tutor de Helena, começa a perceber, apezar dos protestos d'esta, que no casal nem tudo é felicidade. A pobre esposa, resignada e calada, soffre muito, e a vista de Dionysia vem augmentar-lhe o martyrio.

Passamos para casa de Adriano, onde temos uma bella scena entre elle e Helena, que não se queixa de ver esbanjados todos os seus haveres, mas só lamenta ter perdido o amor do esposo. Clarimundo obriga Adriano a prometter-lhe que se regenerará, refazendo pelo trabalho a sua fortuna, e restaurando a felicidade domestica pelo esquecimento de Dionysia. Não se fiando, porém, muito nas promessas do peccador, elle exige de Cincinnato, character estouvado, mas

franco e leal, que faça desaparecer a rapariga levando-a consigo para qualquer parte.

Para execução d'este plano voltamos no 4.^o acto á casa de jogo, onde o venal Braulio e a não menos venal Dionysia acceitam sem difficuldade a proposta de Cincinnato, que offerece maior quantia do que Fabio promettêra. No momento da fuga ainda Cincinnato consegue fazer-se substituir por um amigo condescendente, livrando-se assim de um trambolho, e pregando uma peça a Braulio, que perde o direito ao premio, visto quem devêra pagar-lh'o dar-se por trahido.

O fim, porém, está alcançado, e removida a serpente, Adriano no 5.^o acto volta aos braços da esposa. Clarimundo paga-lhe as dividas, reconhece-o por filho, casa com Ursula, como dissemos, e desce o panno deixando todos felizes e contentes.

Expondo assim rapida e succintamente o entrecho, é claro que não podiamos reproduzir todas as bellezas do drama, derramadas pelo dialogo e pelo encadeamento das scenas. O mesmo desenlace assim exposto poderia talvez não parecer inteiramente satisfactorio, mas para bem julgar um drama é mister vê-lo representar, quando é para isso que foi escripto. A representação pôde dar-lhe um brilho e um encanto, de que sómente com a propria vista se faz idéa. A indifferença do publico é o maior inimigo com que lutam as letras; um drama firmado por um nome conhecido deveria despertar em todos a curiosidade de vê-lo ao menos uma vez; ficando então ao gosto de cada um voltar ou não, conforme a composição lhe houvesse agradado.

Cuidadosamente ensaiada e posta em scena com esmero e capricho, a *Remissão de peccados* foi representada de modo que não pôde merecer senão elogios, traduzidos por nós em palavras como o foram pelo publico em palmas e chamados á scena.

O Sr. Furtado Coelho no papel de *Cincinnato* creou um typo delicioso, mistura feliz de estouvamento com as mais nobres qualidades do coração. Os Srs. Amoedo (*Adriano*), Guilherme (*Clarimundo*), Paiva (*Fabio*), Gusmão (*Braulio*), e as Sras. Leolinda (*Helena*), Rosina (*Ursula*),

e Virginia (*Dionysia*) sustentaram bem as suas partes, formando um conjuncto que agradou a todos. O Sr. Graça no papel da usurario apenas estaria uns cinco minutos em scena, mas foi quanto bastou para arrancar applausos geraes, tornando notavel uma das personagens mais insignificantes do drama.

O autor, assistindo á segunda representação, foi victoriado pelo publico e agradeceu do seu camarote estas demonstrações não só de sympathia, mas tambem de merecida homenagem ao talento.

PERSONAGENS.

| | |
|-----------------|------------|
| HELENA | Ismenia |
| URSULA | Rosina. |
| DIONYSIA. | Virginia. |
| GERTRUDES | |
| ADRIANO . | Amoêdo. |
| CLARIMUNDO. | Guilherme. |
| CINCINNATO | Furtado. |
| FABIO | Paiva. |
| BRAULIO | Gusmão. |
| DEMETRIO | Pinheiro. |
| VENCESLÃO. | Graça. |
| O DR. GONÇALVES | Lima. |
| LOURENÇO | Caminha. |
| SILVEIRA . | Costa. |
| D. DONALDO. | Thimothéo. |
| JOSÉ | Torres. |

Creados da casa de jogo.—Jogadores.—Senhoras e Cavalleiros.

A acção se passa na cidade do Rio de Janeiro.

Epoca, a actualidade.

ACTO I.

Sala muito modesta: meza com candieiro á kerosene; sophá; porta á esquerda, abrindo para aposentos interiores; outra á direita, communicando com a sala de jogo; portas ao fundo que abrem para a sala principal que apenas se vê e onde lia piano no qual se ouve tocar e cantar.

SCENA I.

BRAULIO, vindo da direita, FABIO, entrando pelo fundo.

FABIO (*para a sala do fundo.*)

Cante muito; a sua voz dá-me felicidade. (*a Braulio*)
Como vai a sessão?... (*conversam ambos á meia voz.*)

BRAULIO.

Ameaçando tempestade: as cartas arranjaram-se e D. Donaldto na primeira tripa fez maravilhas: a segunda tripa começou agora.

FABIO.

As cartas fallias são pois quatro, seis, e o rei...

BRAULIO.

E nos baralhos novos, se os pedirem, passam a ser tres, dama, e principalmente sete e az.

FABIO.

Sei: e além de mim e do capitão ha mais feitos?...

BRAULIO.

Nenhum: não convém estender a confiança: mesmo entre os cavalleiros honrados alguns têm o defeito de dar á lingua por gabolice.

FABIO.

Creio que me demorei bastante para excluir qualquer idéa de conluio; antes porém de ir jogar, urge dizer-lhe duas palavras: Adriano...

BRAULIO.

Não chegou até agora...

FABIO.

Pouco importa: não é mais o jogo, é sua sobrinha que o deve escravizar, e a occasião para a ultima cartada é agora: amanhã ou ao mais tardar depois d'amanhã Dionyzia se fará levar d'aqui por Adriano: depois d'amanhã ou nunca.

BRAULIO.

O prazo é muito curto... mas...

FABIO.

Basta que Dionyzia queira e exija: Adriano já não se governa: o senhor sabe o que tem a ganhar: depois d'amanhã ou nunca... disponha sua sobrinha... se quizer logo conversaremos: agora tenho pressa. (*Vai-se pela D.*)

SCENA II.

BRAULIO e logo GERTRUDES.

BRAULIO.

Gertrudes! (*entra Gertrudes*) é preciso que Dionyzia hoje mesmo obrigue Adriano a estar prompto para levar-a consigo depois d'amanhã á noite... e veremos até lá.

GERTRUDES.

E' cousa feita: o pobre rapaz está pelo beicho... então o senhor Fabio...

BRAULIO.

Acaba de dar-me as suas ordens em tom de meu amo... digo-te que me aborrece muito o ar que elle toma comigo; mas o diabo paga bem.

GERTRUDES.

Arranjemos a nossa vida: durma eu quente e ria-se a gente.

BRAULIO.

Rir?.. outros talvez podem rir: elle não: confesso... o nosso procedimento... não é bonito; mas o de Fabio é mil vezes peor.

GERTRUDES.

E para um homem limpo... de boa sociedade...

BRAULIO.

E' de arripiar os cabellos! arrastou o outro para o jogo, preparou-lhe arteiramente a paixão por Dionyzia; fê-lo estragar a fortuna, agora vai manchal-o com um escandalo publico, e apanhando a misera esposa um abandono, conseguirá talvez seduzil-a!... e é um homem d'estes que me falla com tanta altivez!

GERTRUDES.

Mas se elle paga bem...

BRAULIO.

Elle? com o dinheiro da irmã... e que me importa?... o certo é que paga: eis o essencial: o mundo é assim... o Sr. Fabio faz d'essas, e ainda mais, está lá dentro passando a perna á uma duzia de jogadores paios, e ganhando de sociedade comigo que arranjei as cartas, e amanhã hade chamar-me miseravel e mesmo canalha, e meia capital do Imperio o festejará como homem de bem e nobre cavalleiro!... o mundo é assim: arranjos pois a nossa vida: viva o dinheiro, venha elle como vier: anda, vai pôr Dionyzia de sobreaviso... anda...

GERTRUDES.

E já, que ali chega o maldito Quebra-louça: parece que perdeu no jogo... bem feito! (*Vai-se pelo fundo.*)

SCENA III.

BRAULIO e CINCINNATO, que sahe da direita, assoviando.

BRAULIO.

Deu o basta, Sr. Cincinnato?...

CINCINNATO.

Questão duvidosa; mas com certeza fico para cêa: faça de conta que é pausa de suspensão; palpíte de refrescar; em honra porém de meu nome romano, quando deponho a dictadura, pego logo na charrua: acabei de depôr o *lasquet*, quero uma garrafa de cerveja.

BRAULIO.

Vou fazel-o servir... (*Indo-se e volta á voz de Cincinnato.*)

CINCINNATO.

Um momento: sou inimigo das falsificações de nacionalidades: temos tantas latas de sardinhas de Nantes da Jurujuba, tantas caixas de charutos de Havana da Bahia, tantas maravilhas de fóra arranjadas cá dentro, como garrafas de cerveja Bass de Liverpool da rua do Riachuelo, e de Munich mesmo da Baviera da Guarda-Velha: ora em materia de cerveja suspendi as garantias do meu patriotismo. Quero uma garrafa de cerveja de Liverpool da Inglaterra.

BRAULIO.

Legitima! na nossa casa não ha contrafacções.

CINCINNATO.

Olhe que tambem não ataco a industria dos letreiros que é a arte de vender gato por lebre: qual é mesmo o letreiro da sua casa?... « Casa de penhores de objectos de prata, ouro e brilhantes » e aqui não ha contrafac-

ções: attesto na fé do meu titulo; Cincinnato Quebra-louça, assignado por cima de estampilha. Venha a cerveja.

BRAULIO.

Já podia estar servido. *(Indo-se)* Sr. Demetrio! como passou?... *(Cumprimenta e vae-se pela E.)*

SCENA IV.

CINCINNATO E DEMETRIO, que entra pelo fundo.

DEMETRIO *(cumprimenta.)*

Amavel Cincinnato...

CINCINNATO.

Adeus, prodigio.

DEMETRIO.

Que é isso de prodigio?... *(Senta-se á E.)*

CINCINNATO.

Vocês não me chamam Quebra-louça?... pela mesma regra eu te chamarei prodigio, e o és, palavra de honra: figurino de Paris no vestir; muzulmano no amor das nymphas mais caras; gastronomo á romano da decadencia; pagodista e jogador, como herdeiro do Conde de Monte-Christo, e officio, beneficio, ou fonte de rendimentos não constam do Almanack de Laemmert: és prodigio ou não és?... *(Entra um creado trazendo cerveja.)*

DEMETRIO.

Sou um dardo que te atravesse. *(O creado abre a garrafa.)*

CINCINNATO.

O peor é que os teus parentes prodigios vão abundando muito na capital! como se arranjam vocês?... despesas a abarrotar, receita conhecida zero, deficit jámais!... *(ao creado)* Não faz espuma, diabo! *(a Demetrio)* Demetrio, tu deves ser ministro da fazenda...

DEMETRIO.

Não jogas hoje?...

CINCINNATO.

Infandum, regina; jubes renovare dolores!...

DEMETRIO.

Perdeste?...

UMA VOZ (*dentro.*)

Levante!

CINCINNATO.

Aquelle grito é de algum cahido.

OUTRA VOZ (*dentro.*)

Eu sou sete.

FABIO (*dentro.*)

Eu sou dama.

CINCINNATO.

Milagre do *lasquet*: o Fabio tornou-se dama.

DEMETRIO.

Joga por fóra. Quem ganha?...

CINCINNATO.

Prodigio, toma o meu conselho; não joga esta noite. Queres cerveja?... (*bebe e faz uma careta*) nem por isso...

DEMETRIO.

Porque?...

CINCINNATO.

E' que chocou, passando a lintra: traficancias do equador...

DEMETRIO.

Que me importa o equador?... porque me aconselhas a não jogar?

CINCINNATO.

Ainda caso de astronomia: descobri no horizonte a cauda de um cometa do tamanho da lingua dos lambedores da alfandega.

DEMETRIO.

Quem é?

CINCINNATO.

O adventicio da penultima sessão: D. Donaldto Cabalero Salzedo Cuencas da Silva Escalona de los Montes e Pincaros de Hermosa e de las Torres de Calatrava Bivanco de la Mancha Mançanares Barbuda e Ruy de Aragão e Castella...

DEMETRIO.

Basta... o hespanhol?... e então?...

CINCINNATO.

Na primeira tripa lambeu-me trezentos mil réis que fui parando para experimentar... desconfiei da experiencia e vim tomar çerveja por consolação...

DEMETRIO.

E não pensas em desforra?...

CINCINNATO.

Nada: a desforra é rapariga muito provocadora; mas de ordinario quem vai atraz d'ella, perde-se no caminho...

DEMETRIO.

Pois eu te mostro como se faz frente ao hespanhol. (*Vae-se.*)

CINCINNATO (*seguinto-o até a porta.*)

Avante, prodigio! eu fico na retaguarda, que é a guarda recta dos generaes prudentes. (*Deita-se no sophá.*)

SCENA V

CINCINNATO que fuma e bebe cerveja : depois BRAULIO.

DIONYZIA (*cantando dentro.*)

Casta diva qu'inargente
Queste sacre, etc.

CINCINNATO (*acompanhando com a mesma musica.*)

Bella moça qu'infeitiças
Esta casa do barato,
Vem, consola o pobre paio
Que pagou bem caro o pato.

DIONYZIA (*dentro.*)

Ah, bello, á me ritorna
Del fido, etc.

CINCINNATO (*acompanhando.*)

Ai, triste, o meu dinheiro
Não volta ao bolso meu ;
Consola-me, Dionyzia,
Dá-me um beijinho teu.

UMA VOZ (*dentro.*)

Levante !

OUTRA VOZ (*dentro.*)

E' o quinto rei á direita !... faz desconfiar ! (*Susurro.*)

BRAULIO (*entrando.*)

Aquelles senhores fazem muita bulha por pouca cousa !

CINCINNATO.

São republicanos que querem por força o rei á esquerda : é preciso denunciá-los á policia.

BRAULIO.

E o senhor quer dormir em vez de jogar ?...

CINCINNATO.

Efeitos da harmonia: sua sobrinha por excesso de afinação desafinou-me: ouvindo-a cantar a *Casta diva*, cahi no sophá desafinado, isto é, desafinado no sophá.

BRAULIO.

E' lisonja de cavalleiro amavel... porém... o senhor não joga mais hoje?...

CINCINNATO.

Tranquillize-se: já concorri bastante para o barato: agora tenho outros cuidados... cerimoniais á parte e segredo entre nós... ella é deveras sua sobrinha?...

BRAULIO.

Que pergunta! que suppõe então o senhor?...

CINCINNATO.

Em facto de supposições o infinito é direito dos maliciosos; mas, na hypothese do parentesco, leve o diabo quem se arrepende... o Sr. Braulio quer-me para sobrinho honorario em casamento provisorio com a terça parte do barato por dote temporario?...

BRAULIO.

O senhor abuzo... e me obrigará talvez a pedir-lhe o favor...

CINCINNATO.

De não voltar á gaiola onde gorgoeja o rouxinol?... veja o que diz, tio Braulio... é isso?... veja o que diz...

BRAULIO.

Pois é isso.

CINCINNATO (*bebe cerveja e levanta-se.*)

Alli defronte ha um sobrado de dous andares com escritos: amanhã alugo-o e estabeleço no primeiro andar não uma, porém tres sobrinhas, e no segundo *lasquenét* na frente, e *bacarat*, vulgo pacão, nos fundos: concurrencia dupla no andar de baixo e no andar de cima: condições de supremacia: em baixo as sobrinhas sem tio, em cima o *lasquenét* e o *pacão* sem barato: no primeiro andar volções numero tres, no segundo sorvetes gratis e á von-

tade para refrigerar. Tio Braulio, concedo-lhe duas horas para merecer o meu perdão. E tenho dito. Cincinnato Quebra-louça assignado por cima de estampilha. (*Vae-se pela D.*)

SCENA V.

• BRAULIO, e logo DIONYZIA e GERTRUDES.

BRAULIO (*á porta do fundo.*)

Vocês não tem pezo nem medida: em toda parte mostram o que são.

DIONYZIA.

Não perco nada, mostrando o que sou, porque ainda ninguem me achou feia.

GERTRUDES.

Mas que alvoroço é este?...

BRAULIO.

Como é que dás confianças ao Quebra-louça, quando estamos quasi a ganhar a demanda com Adriano?

DIONYZIA.

E' falso: eu a nenhum dou confianças; mas não sei como é que todos as tomam! quanto ao Quebra-louça, além de feio, é rio sem peixe; não me apanha corda.

BRAULIO.

E o atrevimento com que falla de ti?... propoz-me que o tomasse por sobrinho honorario, dando-te a elle em cazamento provisorio com a terça parte do barato por dote temporario: já se vio zombaria mais insolente?!!

DIONYZIA (*desatando á rir.*)

Ah! ah! ah! ah!

GERTRUDES.

Por isso o descarado, quando passa por mim, sempre me trata de mamãe Gertrudes!

DIONYZIA (*rindo.*)

Ah! ah! ah! ah!

BRAULIO.

E ris ainda!

DIONYZIA.

Achei-lhe graça: é pena que o demonio seja tão feio.

UMA VOZ (*dentro.*)

E' escandaloso! ha trapaça evidente!... (*Sussurro.*)

LOURENÇO (*dentro.*)

Não perdi, roubaram o meu dinheiro!... (*Ruido.*)

BRAULIO (*a Gertrudes.*)

Vai tocar! vai tocar! (*Vai-se Gertrudes e logo toca.*)

SCENA VII.

BRAULIO, DIONYZIA, LOURENÇO e depois GERTRUDES,

BRAULIO.

Sr. Lourenço... ainda infeliz esta noite....

LOURENÇO.

Infeliz não, roubado! nunca fui jogador; mas... (*olhando Dionyzia*) a traição fingindo-se amor, quiz que eu tomasse o jogo por pretexto, e em breve o pretexto se tornou vicio e a falsidade depôz a mascara: na sua casa tudo é infame! deixo n'este golphão a fortuna que ha um anno herdei de meu honrado pai...minha ruina é justo castigo; porque eu recebi a educação da honestidade, e menti á ella, vindo aqui manchar-me com duas corrupções!... (*Vai-se arrebatado.*)

BRAULIO (*friamente.*)

Amanhã á noite elle volta para jogar.

GERTRUDES (*entrando.*)

Que furioso! fugi de medo...

D. DONALDO (*dentro.*)

Tresentos mil réis!

UMA VOZ (*dentro.*)

Levante!

FABIO (*dentro.*)

Eu sou rei.

OUTRA VOZ (*dentro.*)

Eu sou quatro.

GERTRUDES.

Olha que em alguma noite o barato hade te sahir caro.

BRAULIO.

Eu não obrigo a jogar.

VOZES (*dentro.*)

O rei... quinze sortes!...

OUTRAS VOZES (*dentro.*)

Ha maço! ha maço! venham baralhos novos? (*Ruido.*)

SCENA VIII.

BRAULIO, DIONYZIA, GERTRUDES, um CREADO e logo SILVEIRA.

CREADO (*correndo.*)

Cartas novas...

BRAULIO.

Leva as que estão sobre a mesa do meu quarto. (*Vai-se o creado: E.*)

SILVEIRA.

Sr. Braulio... uma palavra: (*á um lado*) perdi quanto trazia... filho-familia não ousou expôr-me a alguma negativa, querendo jogar sob palavra... empreste-me só duzentos mil réis... juro-lhe que em tres dias...

BRAULIO.

Filho-familia... estamos na mesma; porém...o seu relógio de ouro e o alfinete de brilhantes... note que é sómente pelo desejo de servil-o...

SILVEIRA.

Oh! mas amanhã... amanhã... meu pai...

BRAULIO.

E quem lhe diz que não se desferrará esta noute?...
(*ao creado que passa*) Que levas ahí?...

CREADO.

Baralhos novos. (*Vae-se pela D.*)

BRAULIO.

Vê?...cartas novas... a fortuna deve mudar...

SILVEIRA (*tremendo e rapidô.*)

Ahí os tem... (*Dá o relógio o o alfinete.*)

BRAULIO.

Em um instante... (*Vae-se pela E.*)

VOZES (*dentro.*)

Vejamos agora!

DEMETRIO (*dentro.*)

Cincinnati! á desforra!

CINCINNATO (*dentro.*)

Não pegam as bixas: quero vêr primeiro como corre a tripa.

DIONYZIA (*a Silveira tomando-lhe o mão.*)

Para que joga?...

SILVEIRA (*confuso e rindo á força.*)

Para apostar pelas damas.

GERTRUDES.

Que te importa que o senhor jogue ou não ?...

DIONYZIA.

Tão moço e tão bonito devia só amar. (*Com doçura á Silveira*) Não jogue.

BRAULIO (*voltando e dando a Silveira dinheiro e um papel.*)

O dinheiro e a cautela : hade vêr que nos juroz houve fineza de amigo.

SILVEIRA (*recebendo.*)

Obrigado .. obrigado... (*Vae-se pela D.*)

DIONYZIA.

Nem se quer me disse adeus... pois que se pérca... :

BRAULIO.

Deixa o menino, perversa: tratemos de Adriano: Gertrudes já te prevenio do que ha?..

DIONYZIA.

Estou sciente : favas contadas.. Adriano é minha propriedade : já lhe puz feitiço : depois d'amanhã fujo com elle... e, adeus, titio... por tres mezes pelo menos...

BRAULIO.

Estás bem certa de obrigar-o á esse extremo?...

DIONYZIA.

Certissima; mas da sua parte não se deixe lograr pelo Fabio que é bisca : olhe : doe-me servir ao trama de semelhante homem... cuidado com elle...

DEMETRIO (*dentro.*)

O Sr. D. Donaldo tem olhos nas unhas !... (*Ruido.*)

D. DONALDO (*dentro.*)

Que quer dizer ? é uma injuria !..

VOZES (*dentro.*)

Não ! não ! sim ! sim ! (*alarido.*)

BRAULIO (*a Gertrudes e Dionyzia.*)

Vae tocar ! vae cantar ! e fortissimo ! fortissimo !...
(*Vae-se Gertrudes: Braulio detem Dionyzia pelo braço, vendo Adriano: Gertrudes toca forte e depois suave ao serenar o ruído.*)

SCENA IX.

BRAULIO que logo se retira, DIONYZIA, ADRIANO e SILVEIRA.

BRAULIO.

Senhor Adriano...

ADRIANO.

Minha senhora... Sr. Braulio... chego hoje muito tarde...

BRAULIO.

E vem achar a sessão tumultuosa... porque, não sei...

UMA VOZ (*dentro.*)

Ainda!... isto não é verosimil... as cartas foram preparadas... (*alarido.*)

SILVEIRA.

Sou uma das victimas... perdi o que não podia perder; mas é infame quem abuza da boa fé da gente honesta! (*Grande alarido: Silveira atravessa a scena precipitado e vai-se.*)

ADRIANO.

Que desordem!...

BRAULIO.

Perdão... vou seguir este moço para impedir algum acto de desespero. (*Vai-se.*)

DIONYZIA.

Onde esteve até agora ?...

ADRIANO (*aproximando-se.*)

Foi-me impossivel vir mais cedo.

DIONYZIA (*afastando-se.*)

Atraicôa ao mesmo tempo a esposa e a mim : á ella não me importa ; porém a mim !... onde esteve ?...

ADRIANO (*querendo tomar-lhe a mão.*)

Dionyzia !

DIONYZIA.

Não me toque ! o senhor me trata indignamente : sinto o seu desprezo na liberdade em que me deixa...

ADRIANO.

Ingrata !

DIONYZIA.

Confessei-lhe as miserias da minha vida : porque não se contentou com o meu aviltamento ?... para que me fallou de amor, e me inspirou amor ?... para que me fez chorar arrependida do meu passado !... para que me levou a sonhar com o impossivel ?...

ADRIANO.

Mas eu te adoro, Dionyzia !

DIONYZIA.

Que amor é o seu ?... amor baixo e vil que me abandona e me condemna a ser escrava de outro homem !... isso é amor ?... que amor é o seu ?

ADRIANO.

Queres saber-o ? é o amor violento e fatal, o amor crime, a paixão raiva ! oh ! é apesar meu que te amo... adultero possesso, eu me prendo a teus pés, demonio de fascinação !... maldigo de ti e te adoro, maldigo d'este amor e sou teu escravo !...

DIONYZIA.

Que paixão !... eu porém toda do meu amor quiz ser,

pedi, peço ainda para ser só tua... só tua... e tu... e o senhor me obriga á mais vil infidelidade; porque me deixa em poder de um falso tio... amante que hoje abomino, e que...

ADRIANO.

Ah!... tens razão... é para enlouquecer... mas, Dionyza, eu sou casado... e o dever... as conveniencias...

DIONYZIA.

Portanto a minha infamia e a sua hypocrisia!... não me sujeito á tal abjecção... depois que amei... oh! não me sujeito mais: não me queixo... sei o que sou pelo que fui: é irremediavel... mas... sua e de Braulio... oh!... não! esqueça-me... farei por esquecer-o...

ADRIANO.

Esquecer-te?... eu?... Dionyza, tu me atordôas, me exasperas e sempre me dominas: eu t'ó peço... dá-me algum tempo...

DIONYZIA.

Algum tempo?... para quem o pede?... para Braulio ou para si?... Sr. Adriano, não acha que isto é indigno e vil?...

ADRIANO.

Em oito dias te livrarei d'este inferno... serás minha só...

DIONYZIA.

Oito dias?... que pressa! amada por Braulio, posso esperar um anno...

ADRIANO.

Dionyza!

DIONYZIA (*voltando-lhe as costas.*)

Boa noite.

ADRIANO.

Pois bem será como quizeres... quando quizeres... amanhã á hora da sésta de Braulio receber-me-has e marcaremos o dia...

DIONYZIA.

Amanhã?... sim... venha; mas com a condição de levar-me depois d'amanhã para o tecto mais humilde, onde caibamos nós dous... e onde eu seja tua só... depois d'amanhã... veja bem... tua só, meu Adriano... sim?...

ADRIANO.

Oh!... perdição!...

DIONYZIA (*abrindo os braços.*)

Sim, meu Adriano?... sim?... tua só?...

ADRIANO.

Sim!... sim!... (*abraça-a*) tu és como Dejanira e me arrojás ao volcão! (*Curva-se, beija-lhe a mão, Dionyzia afaga-lhe os cabellos.*)

DIONYZIA.

Fica assim!... como és bello! como te amo! como serei feliz!...

ADRIANO.

Feiticeira! fazes-me esquecer tudo! eis os pendants que hontem me pediste (*tira do bolso uma caixinha e dá-a*) São do teu gosto?...

DIONYZIA (*abrindo a caixa.*)

Magníficos! para que tão ricos?... não quero que te arruines por mim: lindíssimos!... mas, jura que depois d'amanhã...

ADRIANO.

Juro-o...

DIONYZIA (*sorrindo.*)

Vem, pois, amanhã á tarde... vem, formoso e feliz ladrão da sésta!... e agora, pobre ladrão da noite, queres beijar-me os olhos que dizes ser tão bonitos?...

ADRIANO.

Oh! minha Dionyzia!... (*Abraça-a e beija-lhe os olhos.*)

SCENA X.

DIONYZIA, que vai-se logo, ADRIANO E CINCINNATO.

CINCINNATO.

Eu sou myope: podem continuar que não vejo cousa que me espante.

DIONYZIA.

Ah! *(Vai-se correndo e rindo.)*

ADRIANO.

Importuno!

CINCINNATO.

Ainda em cima do serviço que te prestei?... é caso em que agua fria na fervura livra de pellação infallivel. Esta Dionyzia é uma especie de polvo...

ADRIANO.

E' uma mulher allucinadora, e irresistivel... Cincinnato, meu amigo, meu irmão... é a fatalidade!... tem sido e são inuteis os teus conselhos... estou perdido..

CINCINNATO.

Ainda é tempo.

ADRIANO.

E' muito tarde... a miseria pelo jogo... o phrenezi a loucura pela paixão criminosa... oh! eu sou um desgraçado... eu reconheço o mal que faço e me arrasto para o abysmo.

CINCINNATO.

Não dou um bilhete das barcas Ferry pelo teu juizo... eu quebro louça; porém assim não.

ADRIANO *(pensando.)*

E depois d'amanhã... *(subito)* vou jogar. *(indo-se.)*

CINCINNATO.

Hoje não joga: ha mouros na costa: o hespanhol

apurou a ladroeira: Demetrio e outros já estão a toda isca. Adriano! sê honiem! foge d'esta espelunca... e volta para o lado de tua bella e nobre esposa....

ADRIANO.

Para que a lembras?... sou algoz... eu sei... mas bem vês que desatino!..

CINCINNATO.

Lá o ninho do amor puro... lá belleza, paciencia, suavidade, virtudes... aqui... peor! vou cahindo na sensibilidade e saio do meu elemento... Adriano! sabes onde estamos?...

ADRIANO.

Em uma casa de jogo, cujo empresario é um miseravel.

CINCINNATO.

Sim... casa de jogo magistral. Quadro primeiro: sala da frente illuminada a gaz; mobilia de mogno e piano de jacarandá: personagens, uma velha que toca, e uma moça que canta: a velha representa o papel de bumbo, pratos e campainhas para não se ouvir da rua a balburdia do fundo da casa: a moça, namorando de dia e cantando de noite representa o papel de alçapão e isca para apanhar passarinhos.

ADRIANO.

Impacientas-me... (*Ruido dentro: sóa o piano.*)

CINCINNATO.

Em? lá está a velha no officio. Quadro segundo esta sala, escarpa do precipicio, caminho do inferno, passagem do desespero, gabinete que medeia entre o frontespicio da hypocrisia, e o interior da furna do vicio, e uma vez por outra em cada noite, gaiola de passarinhos, á quem a moça que canta, dá abraços e beijos por engodo, e os deixa com agua no bico depois de depennal-os muito á sua vontade. Exemplo: certo episodio que vi ainda ha pouco.

ADRIANO.

Cincinnato... pensas que algum outro homem...

CINCINNATO.

Não respondo; porque me perguntas no singular. Quadro terceiro: sala resplendente de luzes e carregada de sombras negras: meza grande e cercada de jogadores risonhos poucos, turvos muitos, sinistros alguns, desconfiados todos: senão estão ao páo, estende-se a tripa: é o mesmo: voltam-se as cartas... ha pulmões que não respiram... o estrabismo da suspeita entorta todos os olhos... a atmospherá é pezada. . ouvem-se juras, insultos, rugidos... rola o dinheiro e evaporam-se fortunas, e na meza horrivel sem que o vejam, sem que o sintam, prepara-se o roubo do amo pelo caxeiro, a perversão do filho-familia que furtará as joias de sua mãe e a firma de seu pai, a miseria da familia pela ruina do seu chefe, a prevaricação do empregado publico, a fallencia inexplicavel do negociante, a deshonra, a chave da prisão, o punhal ou o revolver do suicida... (*um jogador atravessa a scena em desespero e vae-se.*) Vês aquelle que furioso se retira? Adriano! é talvez esposo da mais honesta senhora, á quem reduz á miseria pelo jogo, e a desesperado adandono pela paixão adultera e vergonhosa...

ADRIANO.

Cincinnati! (*Sussurro dentro.*)

CINCINNATO.

Escorreguei para o romantismo sentimental; mas volto ao meu elemento no quadro quatro que é o melhor. Quadro quarto: paiacio do somno perpetuo na solidão da indolencia: na sala do desmazelo ha um leito de papoulas, e dorme n'elle *per omnia sæcula sæculorum*... adevinha quem!... (*Sussurro.*)

ADRIANO.

Quem? (*Augmenta o sussurro.*)

CINCINNATO.

A policia. (*Forte ruido.*)

ADRIANO.

E tu!... como estás aqui!..

CINCINNATO.

Eu quebro louça em toda parte. (*Grande ruido.*) Oh, lá! grifem sem receio que a policia dorme sempre como

o animal condemnado por Mahomet. (*Voltando da D.*)
O Demetrio já tem um dos olhos vermelho-brasa e o
outro azul, como sangue de fidalgo puro. (*Estrepitoso
ruído.*)

ADRIANO.

Que tempestade... vou vêr...

CINCINNATO (*segurando-o.*)

Não has de ir...

SCENA XI.

ADRIANO, CINCINNATO e BRAULIO: canto e piano, alarido e
movimento até o fim do acto.

BRAULIO.

Que é isto? (*vai á direita, volta á porta do fundo*) For-
tissimo! fortissimo!... (*a Adriano e Cincinnato*) Que ho-
mens loucos! (*ao fundo,*) Fortissimo!...

CINCINNATO.

Não tenha medo; a policia não desperta.

BRAULIO (*ao fundo.*)

Fortissimo! (*Corre á direita e quasi o lançam por terra
os que saem em tumulto.*)

SCENA XII.

ADRIANO, CINCINNATO, BRAULIO, D. DONALDO, DEMETRIO, FABIO,
JOGADORES: confusão, grita e musica até o fim.

D. DONALDO.

Caramba!... hei ganhado honestamente.

VOZES.

Não! sim! ladrão! é falso! silencio! (*Vozes encontradas.*)

DEMETRIO.

Silencio! ouçam-me! quero fallar! (*silencio*) Este homem roubou-nos e deve restituir-nos o nosso dinheiro... aqui está a tripa, onde ha cartas falhas... podem examinar... houve além disso feitos e olheiros... e todos viram á pouco a empalmação do... (*mostrando as cartas.*)

D. DONALDO.

O senhor mente!...

DEMETRIO.

Larapio!... (*Atira com o monte de cartas sobre D. Donald, os jogadores seguram e separam os dous: confusão.*)

D. DONALDO.

Perro! encommenda a tua alma, que eu heide te matar dez vezes!...

BRAULIO.

A cêa! a cêa está na meza! a cêa! a cêa! (*Confusão.*)

CINCINNATO (*na frente.*)

A cêa!... o governo da casa contem os furores da maioria, fallando-lhe á barriga! está em regra: a cêa! a cêa!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II.

Salão da frente do Theatro Provisorio: portas ao fundo communicando com o corredor dos camarotes da segunda ordem.

SCENA I.

FABIO E URSULA, que entram.

FABIO.

Que é isto, Ursula?... deixaste arrebatada o camarote, como se fugisses ao bote de uma serpente.

URSULA.

Sim... eu vi, não uma serpente, mas um homem que eu suppunha bem longe d'aqui: é elle... eu o reconheci no fundo do camarote de Adriano.

FABIO.

Quem?...

URSULA.

Clarimundo... o antigo tutor de Helena...

FABIO.

Clarimundo! então chëgou hoje no paquete do Rio da Prata: mas... que commoção, Ursula! estás convulsa...
(*Chega uma cadeira.*)

URSULA (*sentando-se.*)

A surpresa... eu não esperava... oh!... esse homem..

FABIO.

Tão profunda sensação!... (*Ursula estremece*) ah! já compreendo: receias que elle venha destruir a minha obra...

URSULA.

E' isso mesmo... adivinhaste.

FABIO.

Ora!... enriqueceu muito, negociando no Rio da Prata; mas por ultimo arruinou-se em uma grande e desastrosa especulação: li á poucos dias cartas, em que elle se lastimava do seu infortunio: pobre como chega não pôde salvar Adriano, e por pouco que me auxilies, Helena abandonada pelo marido...

URSULA (*em pé.*)

Escuta aqui mesmo e já. (*olhando em torno*) Meu unico irmão, meu unico amor na terra, tenho-te amado com fraqueza de mãe... pobre e ocioso, jogador e libertino tens achado alimento para teus vicios na riqueza que herdei de meu marido...

FABIO.

E' melhor deixar esse sermão velho lá para casa.

URSULA.

Além do esbanjamento da minha fortuna; um dia me impôzeste cruel sacrificio: pretextando intimidade de relações com Adriano, obrigaste-me a procurar a amizade de sua esposa: jurei-te que em outros tempos um abysmo de odio me separára da mãe de Helena: resisti, chorei; porém tu venceste.

FABIO.

E d'ahi?

URSULA.

Oh! perfido amigo de Adriano, tú me querias para vil instrumento da seducção de sua esposa; collocaste-me na mais triste posição; porque todas as apparencias me condemnam como tua cumplice.

FABIO.

E d'ahi.

URSULA.

E a minha consciencia tambem me acusa; porque com o meu ouro pagas a perversão de Adriano, e eu, ainda imprudente, preveni Helena da paixão criminosa de seu marido.

FABIO (*rindo.*)

E por ultimo propuzeste-lhe vir esta noute ao Theatro Provisorio; no que Helena conveio logo; porque uma cartinha anonyma levada pelo correio urbano já lhe havia annuciado, em que camarote poderia ver a rival feliz.

URSULA.

Oh! Fabio!... tú és mão e me sacrificas sem piedade; agora porém não me submetto mais: eu te peço... por quanto amor me deves, deixa em paz Helena, abafa essa paixão insensata e condemnavel; liberta-me de um remorso que me punge...

FABIO.

Estás fóra de ti...isso é nervoso, minha irmã...

URSULA.

Ingrato que me ridicularisas! vê bem: eu rompereí o véo d'esta intriga... Helena saberá tudo, e ainda mais... eu me compadeço de Adriano, e posso vingar-me de ti, ostendendo-lhe mão amiga, e desvendando-lhe os olhos...

FABIO.

Que revolução!... o simples encontro inesperado de Clarimundo!...

URSULA.

Sim... é isso mesmo: Clarimundo conhece as razões da inimizade que houve entre mim e a mãe de Helena, e na fraqueza imperdoavel de tua irmã elle veria sómente a perversidade do odio velho... do odio d'além tumulo... do odio da mulher demonio...

FABIO.

Tens medo d'esse homem... (*Apparece Braulio á porta do fundo.*)

URSULA.

Medo!...oh!... seja medo... suppõe o que te parecer... imagina embora que eu me confundo nos turvos segredos d'essa sociedade brilhante, onde ás vezes se escondem traições e vergonhas nas dobras dos ricos vestidos de seda; mas, eu t'ò disse já, não abuzarás mais de mim...

FABIO.

Isso passa... são recordações da mocidade... peccados veniaes do outro tempo...

URSULA.

Fabio! tú me insultas!..

FABIO.

Estamos entendidos: Clarimundo é um inimigo demais, e tú uma aliada de menos; elle porém é homem sem dinheiro, baluarte sem polvora, fortaleza sem soldados, e tú uma irmã ingrata que me embaraças a felicidade com os teu casos de consciencia. Zombo do inimigo e dispenso a aliada. Agora só preciso de um auxiliar, é Braulio.

SCENA II.

URSULA que logo se retira, FABIO e BRAULIO,

BRAULIO (*á Ursula.*)

O ultimo dos creados de V. Ex! (*á Fabio*) ás ordens de V. S.

FABIO (*apresentando.*)

O Sr. Braulio...

URSULA (*saudando com desdem.*)

Ah...

FABIO.

Estava então ahi... de perto?...

BRAULIO.

Passava por acaso, quando ouvi pronunciar o meu nome; mas de perto, ou de longe sou como o diabo, acudo logo á primeira evocação.

URSULA (*a Fabio.*)

Voltemos ao camarote.

FABIO (*a Braulio.*)

Espere-me aqui um instante (*á Ursula*) Vamos, Ursula.

URSULA.

Posso ir só. Fique. (*Vae-se.*)

FABIO.

O senhor escutava-nos... confesse.

BRAULIO.

E' claro que ainda que estivesse escutando, não faria a confissão; mas eu não disputo o direito da 'suspeita: V. S. póde pensar o que quizer.

FABIO.

Não se offenda: nós somos bons amigos e a sua chegada foi muito opportuna: hontem á noite n'aquella desordem em que acabou o jogo, não pude informar-me do que sua sobrinha conseguiu de Adriano, e agora é ainda mais urgente...

BRAULIO.

Amanhã á meia noite Adriano me roubará Dionyza.

FABIO (*apertando a mão a Braulio.*)

Ah! ainda bem! com tanto que elle não se arrependa...

BRAULIO.

Elle?... está acorrentado pelo coração; mas outra pessoa... talvez...

FABIO.

Outra pessoa?... quem então poderia arrepender-se?...

BRAULIO.

Eu, por exemplo. Sejamos francos: V. S. tem tudo a ganhar e eu muito a arriscar. E' certo que já recebi seiscentos mil reis, e que outro tanto me está garantido e sem duvida receberei logo que se realizar a hypothese.

FABIO.

Foi o que ajustamos, e nem eu fiz questão da quantia...

BRAULIO.

E' verdade; tenho porém calculado que Dionysia vale mais. Dionysia é a minha serêa.

FABIO.

E voltará ao seu mar, quando ella o quizer.

BRAULIO.

Sr. Fabio; jogo franco e cartas sobre o meza: eu vou soffrer na reputação da casa... haverá baixa no barato; além d'isso o coração da gente é de carne... heide por força sentir saudades; e enfim quem me assegura que Dionysia não se tomará de paixão pelo novo amante?... em caso de duvida não arrisco por tão pouco a fazenda.

FABIO.

Como?... e a sua palavra?...

BRAULIO.

Mais um conto de réis e negocio feito. E' evidente que preciso de justas compensações.

FABIO.

E' evidente que na hora suprema o senhor põe-me uma faca aos peitos: isto é escandalosamente immoral!...

BRAULIO.

Convenho: não me diz nada de novo; ambos nós porém rolamos juntos na immoralidade: razão maior para jogo limpo e cartas sobre a meza.

FABIO.

E' uma extorsão !...

BRAULIO.

Meu senhor, não se 'comem trutas á bragas enxutas : além d'isso eu não o obrigo á dar-me o dinheiro que peço ; pelo contrario estou prompto á restituir a quantia que já recebi e rompemos a negociação.

FABIO.

Mas a sua palavra?... a sua palavra ?...

BRAULIO.

Ora, Sr. Fabio ! pois um homem que se presta a entrar em negocio d'esta ordem póde ter escrupulo de faltar ao ajustado ?...

FABIO.

Que franqueza repugnante !

BRAULIO.

Perdão... n'este assumpto nenhum de nós injuriaria o outro sem injuriar-se... e note bem: eu quero lucrar sem intenção de fazer mal, e V. S. paga para attingir a fins sinistros...

FABIO.

Sr. Braulio !... (*Applausos dentro.*)

BRAULIO.

Faz-lhe conta o que propuz ? é resolver até amanhã.

VOZES (*dentro.*)

A' scena ! á scena !...

FABIO.

Repito... é uma extorsão... e ha de arrepender-se da sua má fé... (*Applausos dentro.*)

SCENA III.

FABIO, BRAULIO E CINCINNATO.

BRAULIO.

Que é isto?... Vem o theatro abaixo?... (*Applausos.*)

CINCINNATO.

Não vem abaixo; porque é Provisorio: se fosse permanente já tinha cahido: o Brasil é o Imperio das inconsequencias: prova: a permanencia do Provisorio na Praça da Acclamação.

BRAULIO.

Mas que triumpho é esse?

CINCINNATO.

Apotheose das pernas posticas de duas dançarinas do Alcazar: é de direito: o can-can sahio extraordinariamente da rua da Valla para aristocratisar-se no Campo, e o respeitavel quebra as mãos, applaudindo os pontapés atirados á lua por dous cometas velocipedes do sexo femenino que vão rir pelos calcanhares de tanto enthusiasmo por pernas que não são dellas.

BRAULIO.

E o senhor fugio á apotheose?

CINCINNATO.

Arrepios de innocencia e confusões de pudor... as duas nymphas começavam a acalcanhar-me o coração e tive medo de apaixonar-me pelos seus dedos mendinhos...

BRAULIO.

Medo de se apaixonar pelos dedos?

CINCINNATO.

Sim; mas o medo não era realmente dos dedos... era das unhas.

BRAULIO.

Pois eu vou pedir mais completa informação da apothese... até logo...

FABIO (*baixo a Braulio.*)

Amanhã á hora aprazada receberá o conto de reis. (*Assentimento de Braulio.*)

CINCINNATO (*pelo outro lado.*)

Cada qual tem os seus segredos... (*a Braulio*) tio Braulio! lembranças á prima. (*Vão-se Braulio e Fabio.*)

SCENA IV.

CINCINNATO, CLARIMUNDO E HELENA.

CINCINNATO.

Oh! oh!... Sr. Clarimundo!...

CLARIMUNDO (*abrindo os braços.*)

Cincinnato! (*abraço apertado*) Cincinnato!...

CINCINNATO.

Perdão, minha senhora! (*aperta a mão a Helena*) Mas o Sr. Clarimundo aqui...

CLARIMUNDO.

Meu Cincinnato! perpetuo Quebra-louça! sempre o mesmo alegrão!... (*Abraça-o outra vez.*)

CINCINNATO.

E sempre quebrando louça, até que a morte me quebre este boião vazio que trago em cima do pescoço e a que por costume chamam cabeça. Sr. Clarimundo...

CLARIMUNDO.

Haverá tres horas que cheguei, e apenas desembarcado, corri immediatamente á tua casa...

CINCINNATO.

E não me achou... é claro como sou encontrado em toda parte, era preciso que houvesse um ponto de excepção, onde ninguém me encontrasse: escolhi a minha casa para lugar de auzencia: é commodo e economico por causa dos amigos: mas o senhor volta remoçado... vendendo saude...

CLARIMUNDO.

E, já o sabes, com a bolsa vazia depois de a ter tido abarrotada! não importa... nunca desanimei; torno ao seio da patria com esperança de ainda ser feliz: poderei sel-o?... ardia por fallar-te... (*dominando-se mal*) sobre... sobre aquelle meu negocio... aqui é impossivel... eu o vejo... mas... uma palavra só... chego á tempo?...

CINCINNATO.

Antes tarde que nunca... todavia... a fazenda está muito avariada.

CLARIMUNDO.

Cincinnato... além dos prejuizos... a honra... (*ancioso*.)

CINCINNATO.

Ha... caso de contrabando... obrigações não cumpridas... aggravação do commercio illicito, de que o informei... precisamos conversar amanhã...

HELENA.

Sem cerimonia... eu esperarei á janella...

CINCINNATO.

Oh, não, minha senhora; aqui não posso explicar-me com o Sr. Clarimundo: trata-se de negocios commerciaes complicados... jogo na praça... baixas de cambio... contractos secretos... fallencia eminente... empreza anonyma com letra aberta no banco da pouca... quero dizer da nenhuma vergonha... perdão minha senhora...

CLARIMUNDO.

Basta... eu devia ter vindo mais cedo... prenderam-me compromissos... mas... amanhã... amanhã... (*outro tom*) este desastrado está sempre a doudejar... é o seu costume... (*Afflicto*.)

HELENA.

Nem sempre: collaço de Adriano, tem sido para mim o irmão mais dedicado, e o amigo mais respeitoso...

CINCINNATO.

E' que só me apresento a fallar-lhe, quando me sinto em horas lucidas.

CLARIMUNDO.

Estarias sempre lucido, se não fossem as más companhias... oh! as más companhias!... (*outro tom*) quem são os dous figurões que sahiram d'aqui, quando entramos?... vi-os no corredor e pareceu-me reconhecê-los.

CINCINNATO.

A um sem duvida conhece: é o mais feliz dos capitalistas; porque sem fonte de renda tem inexgotaveis fundos de reserva nos cofres da fraternidade: é Fabio o irmão de D. Ursula.

CLARIMUNDO.

Fabio!... e o outro?

CINCINNATO.

O outro lhe é desconhecido: chama-se Braulio, venerando tio de uma sobrinha de quem não é tio... perdão minha senhora; é o rei do barato em reino de casa de jogo: o barato significa sangria, e o reino é de sanguessugas; porque além do barato que é veia aberta, ha allí a sobrinha do tio de quem não é sobrinha, e que tornando-se prima mesmo de quem não fôr seu primo... perdão, minha senhora.

HELENA.

Como se chama ella?..

CINCINNATO.

Dionyzia (*movimento de Helena*) uma carta de jogo que anda fóra do baralho e que ás vezes embaralha de modo... não sei como o diga .. perdão minha senhora, cu me vejo muito embaralhado para poder explicar... mas ella é na verdade mazella.

HELENA.

É formosa, pelo menos bonita?...

CINCINNATO.

Hoje em dia a belleza tornou-se equivocada... perdão, minha senhora, nem sempre; em regra porém, misericórdia! pastas de pó de arroz no rosto, no collo, nas espaldas, o diabo em dez tintas enganadoras, e além da caiação e da tinturaria postiços á desnaturalizar a natureza: a tres passos de distancia ha velhas que arrebatam pelo fulgor da primavera...

CLARIMUNDO.

Má lingua!

CINCINNATO.

Accresce que actualmente o bello é o arco-iris combinado com o aleijão: para o aleijão tacões enormes de botinas a empurrar o corpo para diante e anquinhas deformes á puchal-o para traz: arco-iris em vestido com duas saias uma azul e outra cõr de rosa com apanhados amarellos, enfeites pretos e corpinho cõr de agapantho com fitas verdes e rendas brancas, afóra os laços monstros e...

HELENA.

Mas essa moça... Dionyзия...

CINCINNATO.

Belleza equivoquissima; em perpetuo toilette de carnaval destemperado: tez pallida... rosada... clara... morena á capricho da variedade, cabellos negros .. castanhos... cinzentos... louros conforme os dias da semana; é bella? é ponto controverso entre os dias da semana.

CLARIMUNDO.

Já tagarelaste demais, e estás estorvando o meu passeio com Helena: vai almoçar comigo amanhã ás nove horas precisas. hotel Provençaux segundo andar.

CINCINNATO.

Hotel Provenceaux... segundo andar... sem falta: seremos tres a almoçar; porque eu sou dous á mesa dos amigos. Minha senhora... (*aperta a mão de Helena*) Sr. Clarimundo, até amanhã. (*Aperta a mão de Clarimundo.*)

CLARIMUNDO.

A's nove horas. . . ou antes... (*Vae-se Cincinnato.*)

SCENA V.

CLARIMUNDO E HELENA.

CLARIMUNDO.

Excellent mancebo! typo de-lealdade e honra; é pena que desame o trabalho e tão estouvado ás vezes se mostre.

HELENA.

Vive na abastança com o que possui; não tem ambições e o seu estouvamento a ninguem prejudica: comigo, embora collaço de meu marido, leva o respeito a condições de cerimonia, e é um amigo de fidelidade exemplar.

CLARIMUNDO.

E', posso dizel-o; mas... como se acha?...

HELENA.

Estou muito melhor... (*Passeram.*)

CLARIMUNDO.

Vim encontral-a um pouco abatida... evidentemente padece: quando á tres annos fui para o Rio da Prata, deixei-a mais alegre e gozando melhor saude: não é feliz?...

HELENA.

Muito feliz, Adriano... é tão bom para mim!...

CLARIMUNDO.

Sabe como estimo seu marido: é um perfeito cavalleiro; mas ás vezes entre jovens casados basta a sombra de uma suspeita para annuiar a felicidade.

HELENA (*tremula.*)

Fu confio no amor de meu marido: Adriano me trata com a mais extremosa delicadeza.

CLARIMUNDO.

Pareceu-me que se perturbou... eu tenho o direito...

HELENA.

Oh! enganou-se: não posso queixar-me de Adriano: sou feliz.

CLARIMUNDO.

Seu marido é muito moço, e a mocidade é sujeita a imprudentes desvios; mas... eu respondo pelo coração do homem áquem confiei o seu futuro... a sua vida; (*commovido*) se o impeto da idade... um erro... alguns dias de desvario... não sei... mas se por acaso Adriano mentio ao seu dever, a virtude da esposa o regeneraria com o perdão.

HELENA.

Porque me diz isto?... eu não deixei ainda transpirar leve desconfiança da lealdade de meu marido... amo e sou amada... que mais posso desejar?...

CLARIMUNDO.

Mas responde-me a tremer, e está a ponto de chorar: o leviano sou eu... a occasião é a mais impropria...

HELENA.

E' que estou incommodada... soffro...

CLARIMUNDO.

Para que então veio ao theatro?...

HELENA.

Não devia ter vindo... não devia... tem razão; eu porém havia promettido vir á melhor das minhas amigas.

CLARIMUNDO.

E quem é a melhor das suas amigas, milha filha?...

HELENA.

D. Ursula, a senhora viuva, de quem se fallou á pouco.

CLARIMUNDO.

Ah! conheço-a: podia ser sua mãe: para a melhor das

suas amigas é bem desigual em annos : desde quando se relacionou com ella ?

HELENA.

Ha poucos mezes. Que pensa de D. Ursula ?...

CLARIMUNDO.

Eu ?... nem bem, nem mal : apenas a conheci nas sociedades do meu tempo.

HELENA.

Ella tem fallado de vossa mercê com elogio e estima...

CLARIMUNDO.

Santa creatura!... pensei que nem se lembrasse de mim. E... de Adriano, que diz D. Ursula ?...

HELENA (*estremecendo.*)

De Adriano!... que poderia ella dizer-me de meu marido?...

CLARIMUNDO.

Perguntei por perguntár : e Fabio ?... o irmão de D. Ursula ?...

HELENA.

Não faço bom juizo d'elle : tenho-o por fatuo e vaidoso ; e embora Adriano o considere seu amigo, não admitto a sua intimidade... apenas o encontro por acaso.

CLARIMUNDO.

Penso que procede com acerto ; mas n'esse proceder quem a inspira ?... o instincto da antipathia, o conselho de reflexão, ou... diga a verdade, ou o justo resentimento da suspeita de uma affronta ?...

HELENA.

Senhor...

CLARIMUNDO.

Muito bem, minha filha : quer voltar ao camarote ?...

HELENA.

Ainda não ; o ar aqui é mais leve, e me reanima :

não me acha melhor?... passemos pelo corredor dos camarotes... vamos por este lado...

CLARIMUNDO.

O ar é alli menos puro... talvez lhe seja nocivo...

HELENA.

Não... vamos por alli... quero distrair-me: desejo ver a moça de quem o Sr. Cincinnato fallou-nos: dizem que é bonita...

CLARIMUNDO.

Como sabe que ella está no theatro?...

HELENA (*confundida.*)

Como sei?... mas... o Sr. Cincinnato nomeou-nos o tio... não se lembra!...

CLARIMUNDO.

O tio podia ter vindo só ao theatro: como sabe que o camarote é na segunda ordem e d'aquelle lado?...

HELENA (*mais perturbada.*)

Como sei... ora... era facil saber-o... olhavam... (*quasi a chorar*) todos olhavam... todos... advinhei....

CLARIMUNDO.

Minha filha!... minha filha!...

HELENA (*chorando e apoiando o rosto no hombro de Clarimundo.*)

Perdão!...

CLARIMUNDO.

Perdão... ah! sim! perdão! é perdão que eu te peço!... perdão para elle!...

HELENA.

Meu bom pai!... sou muito desgraçada!...

CLARIMUNDO.

Adriano chega; dissimula a afficção e conta comigo.

SCENA VI.

CLARIMUNDO, HELENA E ADRIANO.

ADRIANO.

Ah! passeam... (*cuidadoso a Helena*) Que tens, Helena?...

HELENA.

Ligeiro incommodo... uma vertigem que passou... dá-me uma cadeira... (*Adriano vai buscar a cadeira*) veja o corredor d'onde elle vem!... (*á Clarimundo.*)

ADRIANO (*a Helena que se senta.*)

Estás melhor?... dize... estás melhor?... (*Helena encara-o tremula.*) Que tem ella?... (*á olhar.*)

HELENA.

Estou boa.

CLARIMUNDO.

Foi má idéa trazel-a hoje ao theatro... sua mulher estava soffrendo...

ADRIANO.

Ella o quiz... exigio... pela primeira vez resistio aos meus conselhos... eu não queria...

HELENA.

Oh! sem a menor duvida... elle não queria que eu viesse hoje ao theatro... não queria... (*rir nervoso*) elle não queria!...

CLARIMUNDO.

Helena! (*a Adriano*) E' prudente leval-a para casa...

ADRIANO.

Por certo... (*a Helena*) Helena... vamos?... convém que nos retiremos... precisas descansar...

HELENA.

Pensas?...

CLARIMUNDO.

Oh, senhor! mande chegar o carro... (*em tom um pouco severo*) Helena!...

HELENA.

Vamos... manda chegar o carro... (*Adriano dirige-se para o lado do camarote de Braulio*) Oh! não! (*em pé*) estou boa... quero ficar.

ADRIANO.

E' impossivel... eu vejo que me escondes talvez pacientemente sério... procuras poupar-me... e atormentas-me... Sr. Clarimundo, Helena está mais doente do que diz...

CLARIMUNDO.

Tambem o creio; mas é preciso acabar com esta scena que seria redicula, se não fosse dolorosa... esta sala é de todos... muitos estão passando por aquelle corredor... alguns pôdem entrar aqui, e... seria triste que suspeitassem de uma disputa entre marido e mulher...

ADRIANO.

Não ha porém disputa...

HELENA.

Nem pôde haver... nunca... nunca... disputa não... (*a Clarimundo com intenção*) disputa... não! (*a Adriano*) Adriano, estou muito melhor, eu te peço; consente que eu me demore... é tão bonita a opera... Orphée aux enfers... consente...

ADRIANO. (*a Clarimundo.*)

Que heide fazer?...

CLARIMUNDO.

Ficar. Helena se apraz de demorar-se nos infernos... faça-lhe o gosto: ella quer vêr, contemplar, admirar, e nelhar o diabo... pois bem; é capricho de mulher... de-lhe o gozo invenenado do diabo, e peça a Deus que tambem o livre da tentação...

ADRIANO.

Chegam D. Ursula e Fabio...

CLARIMUNDO.

Quando eu fallava no diabo!... pois não me lembrava destes.

SCENA VII.

CLARIMUNDO, HELENA, ADRIANO, URSULA E FABIO.

URSULA.

D. Helena! oh! Sr. Clarimundo! que surpresa feliz!

FABIO.

Sr. Clarimundo! que fortuna!

CLARIMUNDO.

Minha senhara, um velho pagem que volta ao serviço de V. Ex.! Sr. Fabio... (*aceitando-lhe a mão.*)

URSULA.

Abençôo pois duas vezes a minha vinda ao theatro esta noute. (*Dá a mão a Clarimundo que a beija curvando-se.*)

ADRIANO (*á Helena.*)

Como estás, Helena?...

HELENA (*á Adriano.*)

Boa... perfeitamente boa.

CLARIMUNDO.

Além da immensa graça de beijar-lhe segunda vez a mão, terei a honra de ir em breve pedir a V. Ex. um favor especial.

URSULA.

Um favor? se quizer, eu tomarei o annuncio previo do pedido por divida sagrada contrahida por mim.

CLARIMUNDO.

E' o segredo precioso para se ter sempre vinte annos de idade.

URSULA (*á Helena.*)

Já vio que lisonjeiro?..

CLARIMUNDO.

E' vaidade de velho que conserva a vista perfeita.

URSULA.

Não zombe: ao menos ainda não me envelheceu o coração: pergunte á D. Helena, como a amo.

HELENA.

Já lh'o disse, e tambem...

CLARIMUNDO.

Que V. Ex. tem a memoria igualmente joven... lembra-se muito do passado!... nem se esqueceu de mim...

HELENA.

E talvez que isso contribuisse não pouco para a amizade que devo á D. Ursula...

CLARIMUNDO.

Talvez... sim... (*Olhando para Ursula.*)

URSULA.

Ah, não! D. Helena merece tudo por si... o passado e o senhor... nada tem com a amizade que lhe voto...

ADRIANO.

Creio que subio o panno: vamos?...

FABIO (*voltando do fundo.*)

Não: o panno já tinha subido e acaba de descer: parece que houve novidade... penso que algumas familias já se estão retirando. (*Movimento.*)

SCENA VIII.

CLARIMUNDO, HELENA, ADRIANO, URSULA, FABIO, CINCINNATO;
algumas familias passam, retirando-se pelo corredor, outras entram no salão:
senhoras tomam seus mantos, etc.

CINCINNATO.

Era o caso de se chamar o medico do inferno

ADRIANO.

Que houve?...

CINCINNATO.

Um ataque de cabeça em Orpheo por ciúme de Jupiter... faniquitos de Eurydice em consequencia... e suspensão do espectáculo até outra noite infernal... mas onde está o medico do inferno? é indispensavel recorrer á Plutão e Proserpina que o devem conhecer... Plutão e Proserpina... oh!.. parece que chegam...

SCENA IX.

CLARIMUNDO, HELENA, ADRIANO, URSULA, FABIO, CINCINNATO, BRAULIO E DIONYZIA ; movimento de familias que se retiram e que entram no salão.

BRAULIO.

Que contratempo !... que infelicidade!...

DIONYZIA.

Titio, Eurydice estará em perigo de vida?...

CINCINNATO.

Não se assuste, minha senhora, as Eurydices são immorriveis. (*Helena avança um passo e chega-se á Ursula.*)

ADRIANO (*a Helena.*)

Vamos... vamos... (*Helena tem os olhos em Dionyzia*) vamos, Hellena... (*Dionyzia olha para Helena.*)

HELENA (*tremula.*)

Vamos... (*immovel e apertando a mão de Ursula*) D. Ursula... vamos... (*Immovel.*)

CLARIMUNDO (*a Helena.*)

O meu braço, minha filha... (*Clarimundo toma o braço de Helena, e leva-a: saem logo Adriano, Ursula e Fabio.*)

DIONYZIA.

Que olhado me deitou aquella moça ! (*Movimento de repulsão das familias que se afastam.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III.

Sala decentemente ornada na casa de Adriano : ao lado esquerdo janellas com saccadas de grades de ferro ; ao fundo porta de entrada e porta para o interior da casa ; ao lado direito porta que abre para um gabinete.

SCENA I.

ADRIANO, E HELENA reclinada em uma ottomana.

ADRIANO.

O Sr. Clarimundo mandou-me dizer que vem immediatamente.

HELENA.

Para que o incomodaste?...

ADRIANO.

Elle te ama tanto ! e... deixa-me dizer-te, preciso de quem possa ajudar-me contra ti, que fóra do teu costume estás teimosa. Vejo que o somno te fez bem, e que te achas muito melhor...

HELENA.

Oh ! sim... muito melhor... podes sahir...

ADRIANO.

Quem te falla em sahir, minha Helena ?... eu que-

ria dizer, que ainda assim, preciso tranquillisar-me, ouvindo um medico, e tu rebelde, e obstinada...

HELENA.

Mas, se não ha necessidade de medico!

ADRIANO.

Ha: passaste uma noite cruel: anciedade... vomitos, e uma syncope, embora ligeira... isto póde ser grave...

HELENA (*rindo triste.*)

Foi contagio... Eurydice desmaiou no theatro e eu em casa: desmaios de comedia.

ADRIANO.

Não me falles n'esse tom de ironia... não me olhes d'esse modo tão triste... pareces uma victima... que serei eu então?...

HELENA.

Tú?... eu juro que nunca te ouvi uma palavra acerba, e que advinhas os meus desejos para realizal-os.

ADRIANO.

Só isso Helena?...

HELENA.

Oh! e muito amor e immensa felicidade te mereci, Adriano!

ADRIANO.

Mereceste!... como se não merecesses ainda!. queres fingir-te má?...

HELENA.

Porque me fazes fallar?... eu não me queixo: se ás vezes vês-me triste, é apezar meu: tem paciencia... as senhoras são assim... exigentes demais. Entre tanto diante de estranhos, no theatro, no baile, recebendo visitas... eu me rio... eu me ostento feliz... oh!... (*com voz alterada*) não basta o véo?...

ADRIANO.

O véo!!! mas... não falles... não te exaltes: socega.

HELENA (*serena.*)

Perdoa-me : poucos casados tem, como tivemos, dous annos de bemaventurança na terra. Vivi dous annos no céo !... olha : não vês todos os dias nos espectaculos publicos, nas sociedades tantas senhoras casadas alegres... radiantes... festivas?... fingimento, Adriano ! não vês tantos maridos cercado de cuidados e de expansões de amor as esposas ? (*em pé e forte*) falsidade !... o paraíso não passa do respeito devido ás conveniencias sociaes ; mas no segredo do lar está o tormento de lutas desabridas, ás vezes indecorosas, ou, Adriano... o inferno da resignação e do martyrio profundo... mudo... horrivel !...

ADRIANO.

Oh ! tú me despedaças o coração !...

HELENA (*com fogo.*)

E o meu ?... (*fria*) desculpa isto é molestia : estou nervosa... eu fallava das outras... de que posso queixar-me ? amaste-me : amas-me... e se me não amasses mais, seria peor querer obrigar, o que não se obriga. Tú és bom para mim... a má sou eu... Adriano, estou muito melhor : porque não sahes ?...

ADRIANO.

Tens razão... confesso : no desatino da fatal paixão do jogo eu te esqueço longas noites e frenetico esbanjo á fortuna que me trouxeste....

HELENA.

E que me importa o jogo ?...

ADRIANO.

Perdão, Helena ! arrastei-te á pobreza ; mas, eu te juro, não jogarei mais... vou trabalhar...

HELENA.

Já maldice do jogo : hoje què me importa ? rio-me da miseria ! queres jogar ? falta-te o dinheiro ?... dou-te as joias ; dou-te os brilhantes que ainda me restam, vende-os e joga... joga... joga...

ADRIANO.

Helena !...

HELÈNA.

Joga! que me importa o jogo?... oh!... ha só uma penuria que a esposa que ama seu marido, não póde suportar... é a penuria de amor... e eu te amo, Adriano! eu te amo! e tu, e tu... (*avançando em desespero*) e tu... e tu...

ADRIANO.

Helena!...

HELENA (*terrível e com voz surda.*)

Tu amas outra mulher!... amas Dionyzia!...

ADRIANO (*leva Helena para a ottomana.*)

Oh! pobre martyr!... eu te amo!... Helena, minha Helena!... (*em afflicção*) porque não morro! (*abraçando-a*) socega! eu te adoro sempre! és o meu anjo!...

CLARIMUNDO (*dentro.*)

Vou subindo e entrando sem cerimonia...

ADRIANO.

Helena!

HELENA (*em pé e enxugando as lagrimas.*)

Pódes sahir.

SCENA II.

ADRIANO, HELENA e CLARIMUNDO.

CLARIMUNDO.

Vim á correr : adeus, Adriano, (*avança e observa*) menina ! evidentemente ella passou mal...

ADRIANO.

Soffreu muito durante a noite, soffre ainda e teima em não consentir que se chame o medico.

HELENA.

E' que não vale a pena: tudo passou...

CLARIMUNDO.

Não vale a pena? (*silencio*) ainda bem: vá descansar um pouco.

HELENA.

Dormi tres horas... descansei bastante e acho-me forte.

CLARIMUNDO.

Então mande-me preparar o almoço, contando com o Cincinnato, á quem no hotel deixei recado para vir encontrar-me aqui.

HELENA.

Almoçaremos juntos... agradeço-lhe este prazer.

CLARIMUNDO.

Quero mais: enquanto se prepara o almoço, vá para o seu toucador: peço-lhe um toilette simples, mas elegante, e no penteado aquelles anneis de cabellos soltos, de que eu tanto gostava; talvez não seja moda; é porém capricho meu... vá... e muito bonita ao almoço... ande... vá...

HELENA (*rindo.*)

Vou já... hade vêr que faceirice! (*a Adriano*) Não te constranjas por mim... bem vêr que pódes sahir... adeus! (*Vae-se.*)

SCENA III.

ADRIANO e CLARIMUNDO.

ADRIANO.

Obrigado! o senhor é o melhor dos medicos para Helena.

CLARIMUNDO.

E' que ella tem confiança em mim: e o senhor? e tu, Adriano?...

ADRIANO.

Precisa pergunta-lo?...

CLARIMUNDO.

E' claro que afastei Helena, para que ficassemos a sós.

ADRIANO.

Ah! e então?...

CLARIMUNDO.

Conversemos um pouco. Eu te conheci menino em casa dos pais de Cincinnato, á cuja porta fôras engeitado: achaste alli amor e educação, e cresceste bom, honesto e laborioso: apreciando o teu character, dei-te á tres annos por esposa uma bella joven, de quem era tutor, Helena, minha filha adoptiva, a filha do melhor amigo que tive.

ADRIANO.

Entendo... e agora...

CLARIMUNDO.

Não vim ralhar; mas é natural que eu te peça contas da fortuna e da felicidade de Helena. Quero poupar-te á confissões penosas. Cheguei hontem, e hoje sei já tudo. Tens perdido em uma casa de jogo quanto possuias; e tudo quanto possuias, Adriano, era o dote ou a fortuna de tua mulher.

ADRIANO.

Tem razão, Sr. Clarimuddo; é verdade o que diz.

CLARIMUNDO.

Não te confundas: somos dous amigos á conversar com expansão. Eu tambem fui moço: quebrei a cabeça algumas vezes; mas tú eras um moço velho: comô de repente enlouqueceste á ponto de te tornares jogador?...

ADRIANO.

Ah! foi uma hora de infernal felicidade que me perdeu! eu estava no baile e entrei por curiosidade na sala do jogo... Fabio jogava, e me provocou á imital-o.

CLARIMUNDO.

Ah! Fabio...

ADRIANO.

Sim : desde algumas semanas elle se relacionára comigo...

CLARIMUNDO.

E frequentava a tua casa ?

ADRIANO.

Á principio ; mas Helena, aliás já amiga de D. Ursula, não o recebia com agrado, e o afugentou.

CLARIMUNDO.

Porque ? Helena é tão affavel...

ADRIANO.

Capricho de senhora ; antipathisára com elle.

CLARIMUNDO.

Ah ! então Fabio te provocou á jogar...

ADRIANO.

E outros com elle... zombaram da minha resistencia... e enfim eu tive como vexame de parecer mesquinho : joguei... tomei as cartas... ganhei... oh !... senti as emoções do jogo... ganhei muito, e levantei-me inebriado... febricitante.

CLARIMUNDO.

E depois ?...

ADRIANO.

Ouvi Fabio e alguns outros emprazarem-se para a noite seguinte em uma casa de jogo... pedi explicações, e exaltei-me ouvindo a discrição d'esse abysmo... oh !... Sr. Clarimundo... eu estava envenenado pelo favor da fortuna... fui jogar e ganhei ainda na primeira noite... depois... depois... eu reduzi minha mulher á miseria e minha reputação de probidade á... á... á... desgraçado !...

CLARIMUNDO.

Pelo trabalho o homem regenera a riqueza perdida : se és capaz de não tornar a jogar... se ainda tens

honra no coração, eia! reanima-te. Eu estou pobre; mas tenho amigos... pedirei para mim... e faremos maravilhas; mas... Adriano! és capaz de não jogar?...

ADRIANO.

Oh!... sim! eu não jogarei mais; porém salvar-me... é impossível! caí no fundo do precipício!

CLARIMUNDO.

Tem coragem, e tornemos á Helena: tu a olvidaste muito, quando em noites de phrenesi queimaste ao jogo a fortuna que ella herdára de seus paes; estou certo, porém, que a amas em dobro, empobrecida por ti.

ADRIANO.

Helena... creatura angelica... uma santa...

CLARIMUNDO.

Eu estava seguro dos teus sentimentos: o contrario seria horrivel... imagina: um mancebo tomar por esposa uma donzella rica, formosa, thesouro de virtudes e de amor, não ter d'ella a mais leve queixa, a menor duvida de sua dedicação, e do seu recato...—tens de Helena?...

ADRIANO.

Meu Deus! não... não... é um anjo...

CLARIMUNDO.

E depois de leval-a até perto da fome pelo completo desbarato da sua riqueza na paixão vergonhosa do jogo, amesquinhar suas virtudes, ultrajar sua belleza, assassinar o seu amor, atraçoando-a pelo adulterio... aviltando-a pela preferencia ou pela competencia de uma rival qualquer... talvez mulher indigna... ah! não... não... eu sabia que d'esse attentado... d'esse crime tu eras incapaz.

ADRIANO.

Basta! basta! (*correndo á porta e, observando, volta*) eu sinto que me castiga... não me defendo... sou infame algoz... e nos remorsos de uma paixão que me deshonra não preciso de juiz que me condemne, porque já tenho o meu patibulo na consciencia.

CLARIMUNDO.

Desgraçado! e a razão, de que te serve?...

ADRIANO.

Os loucos não a tem. Eu não lhe encubro nenhum dos meus ignobeis erros... insulte-me, despreze-me... está no seu direito: sou um infeliz pervertido...

CLARIMUNDO.

Miseria humana! a paixão desvaira o homem: Adriano, eu te desculpo; mas a loucura ha de passar e Helena te perdoará. Aproveita a lição da experiencia para tambem seres facil em perdoar aos outros, desatinos iguaes.

ADRIANO.

Sim... eu não posso mais ser severo... não ha vontade que domine a violencia da paixão.

CLARIMUNDO.

Bem, meu amigo; o ensejo é o mais opportuno para te confiar o verdadeiro motivo da minha vinda á esta capital. Vamos deixal-a quanto antes: estás enganado sobre a causa da tristeza de Helena...

ADRIANO.

Que quer dizer?

CLARIMUNDO.

Animo e prudencia: um amor irresistivel... fatal...

ADRIANO.

Minha mulher!...

CLARIMUNDO.

A infeliz esqueceu o dever... e desasisada... perdão!...

ADRIANO (*lançando-se para a porta.*)

Infamia!...

CLARIMUNDO (*contendo-o e friamente.*)

E a paixão que desculpa o adulterio?... ha pois duas leis diversas para a fidelidade dos esposos?... (*Silencio.*)

ADRIANO.

Oh!... o senhor foi cruel!... meu Deus!... como Helena deve ter soffrido!...

CLARIMUNDO.

E é mulher, e a mulher vive só de amor, Adriano!... vê como estás matando Helena!...

ADRIANO.

A minha Helena! meu pae! eu vou ser digno d'ella!... obrigado... o senhor me regenera... obrigado, meu pae!...
(*Abraça-o.*)

CLARIMUNDO.

Teu pae!... pois bem... chama-me assim... Adriano... chama-me teu pae... mas... corrige-te... trabalha... volta á Helena... ouviste... sê bom, meu filho!... eu quero chamar-te meu filho!... (*Profunda commoção: novo abraço.*)

CINCINNATO (*dentro e batendo palmas.*)

Removido do hotel *Provençaux* para a casa de Adriano: prevenção: fome de quinze dias.

SCENA IV.

ADRIANO, CLARIMUNDO e CINCINNATO.

CLARIMUNDO.

Entra.

CINCINNATO (*entrando.*)

Perdão, minha senhora... ah! não está presente?...
(*aos dous*) Cincinnato Quebra-louça assignado por cima de estampilha.

ADRIANO (*triste.*)

Adeos, Cincinnato...

CINCINNATO.

Cara de lua nova em noute de chuva... não gosto: Sr. Clarimundo... salvo o respeito devido, cara de eclipse visível...

CLARIMUNDO.

Compensação: Adriano vae devorar o almoço que nos estava preparado no hotel, enquanto Cincinnato almoçará aqui comigo e Helena. Vae, Adriano, deixa-nos.

ADRIANO.

Empurram-me para fóra de minha casa?...

CINCINNATO.

Occasião de ir fazer impunemente travessuras nas casas dos outros. (*Olhando para dentro*) Perdão, minha senhora; elle é incapaz d'isso... mas vae... hotel *Provençaux*, segundo andar... vae, demonio!

ADRIANO.

O Sr. Clarimundo quer conversar com Cincinnato... eu os deixo... até logo... (*Vae-se.*)

CINCINNATO (*seguindo-o.*)

Isso e o que tú querias era a mesma cousa. (*volta*)
Pobre Adriano!...

SCENA V.

CLARIMUNDO e CINCINNATO.

CINCINNATO.

Como passou a noite?

CLARIMUNDO.

Mal: levei á reflectir até o amanhecer.

CINCINNATO.

Eu lh'o predice; mas o senhor teimou em aproveitar a noite que a interrupção do espectáculo nos deixara livre... eis como a aproveitou.

CLARIMUNDO.

- Não perdi de todo o meu tempo: creio que tenho

meios de saldar as dividas de Adriano, se o teu calculo é exacto...

CINCINNATO.

Certamente; mas se veio com essa intenção para que chegou, chorando pobreza?

CLARIMUNDO.

Porque o jogo é um sorvedouro sem fundo, e eu não darei um real, se elle persistir em jogar; mas ainda tenho confiança no seu coração... Adriano se corrigirá...

CINCINNATO.

E Dionyzia?...

CLARIMUNDO.

Esse é o perigo que me assusta: uma mulher dissoluta, quando chega á inspirar paixão, é o demonio á fascinar: o homem se corrompe no fóco da corrupção... ha veneno e embriguez na taça do vicio infrene: reflecti toda a noite.

CINCINNATO.

E então?

CLARIMUNDO.

Essas mulheres não amam. Suppões que Dionyzia ame Adriano?...

CINCINNATO.

E' natural que goste de um rapaz bonito; hade porém dizer-lhe adeus, logo que farejar bolsa vazia.

CLARIMUNDO.

E ellas tem fáro! ainda bem: Dionyzia terá sentido a ruina de Adriano. Mudemos de assumpto: este me afflige. Ainda não me informei de ti. Como vás de fortuna?

CINCINNATO.

Idem: sempre idem: quatro moradas de boas casas e cincoenta apolices: setecentos e oitenta mil reis de renda mensal: podia ser mais, se dous amigos não me ajudassem á comer o aluguel das casas.

CLARIMUNDO.

Quem são !

CINCINNATO.

O seguro, e o thesouro publico: quanto ao meu systema financeiro, dez por cento em fundo de reserva, e o mais para a folgança.

CLARIMUNDO.

E vida em folia constante...

CINCINNATO.

Quebra-louça immutavel sem ir além de receita: faço caretas á morte, desfructando a vida.

CLARIMUNDO.

E ainda como d'antes fazes estraladas divertidas, tendo em pouco o reparo publico?...

CINCINNATO.

Não está em mim: achando occasião, quebro-louça.

CLARIMUNDO.

Cincinnati, podes salvar Adriano, quebrando-louça.

CINCINNATO.

Dous proveitos em um sacco? está salvo. Como é a historia?...

CLARIMUNDO.

E' ao teu zêlo e ás tuas cartas, que devo achar-me hoje aqui...

CINCINNATO.

Detesto os prefacios: vamos ao essencial.

CLARIMUNDO.

Se empalmasses Dionyza... se a roubasses á Adriano?...

CINCINNATO.

Esta só lembra ao diabo; mas tem seu lugar... era de fazer rir ás pedras!... mas qual! Ella não cahe.

CLARIMUNDO.

E o encanto do dinheiro?... de muito dinheiro?...

CINCINNATO.

Estou prompto a queimar os meus navios: quanto ás casas não posso por causa do seguro...

CLARIMUNDO.

Não te offendas... carta branca... despende o que fôr preciso ..

CINCINNATO.

Mas... o recurso é de inspiração, palavra de honra! o Sr. Clarimundo aproveitou a noite! o caso é de quebrar louça... a Dionyzia não é feia... deixo Adriano de boca aberta, e bato a linda plumagem com a rapariga...

CLARIMUNDO.

Salvas teu irmão..

CINCINNATO.

E no fim de quinze dias faço-me viuvo! é de arrebatat e de encher a cidade com a minha fama: Sr. Clarimundo, ganhei ultimamente ao *lasquet* tres contos de réis, que tenho de reserva: se precisar mais, bater-lhe-hei á porta. Vou praticar uma boa accção executada em andamento de maroteira. Esta noite Dionyzia fugirá comigo: fica resolvido. Cincinnato Quebra-louça assignado por cima de estampilha.

CLARIMUNDO.

Serás a nossa providencia (*batem palmas*) peor!

CINCINNATO.

Peior sem duvida; porque urge entrar em campanha, e sem almoço não dou contas de mim.

SCENA VI.

CLARIMUNDO, CINCINNATO e JOSÉ que vai á porta.

CLARIMUNDO.

E' sem duvida alguém que procura Adriano, e como elle não está em casa...

CINCINNATO.

Que seja assim ou protesto: estou rebentando de fome.

CLARIMUNDO (*á José que volta.*)

Quem é?...

JOSÉ.

O Sr. Fabio que não encontrando meu senhor em casa, insta por fallar já á minha senhora.

CLARIMUNDO.

Fabio?... insta...

JOSÉ.

Diz que é negocio grave...

CLARIMUNDO.

Fabio! (*á José*) diz á senhora que eu e Cincinnato sahimos, e que voltaremos d'aqui á uma hora para almoçar. (*Vae-se José.*)

CINCINNATO.

D'aqui a uma hora? pela minha parte almoço no caminho.

CLARIMUNDO.

Silencio: entra comigo n'este gabinete; a accção é má; as circumstancias porém a desculpam. (*Indo.*)

CINCINNATO (*seguinto-o.*)

Ah!... o senhor tambem quebra louça!... (*Entram no gabinete.*)

SCENA VII.

JOSÉ que logo se retira, FABIO e logo HELENA.

JOSÉ (*á porta.*)

Minha senhora não tarda: queira entrar e sentar-se.

FABIO.

Assegura-lhe que eu sinto incomodal-a; mas o caso é urgente. (*vae José.*) Minha senhora... (*Vendo Helena.*)

HELENA.

Sr. Fabio... tenha a bondade de sentar-se. Procurava meu marido?

FABIO.

Não o encôntrei no seu escriptorio, e sendo indispensavel que eu lhe falle quanto antes... se V. Ex. pudesse indicar-mê...

HELENA.

Infelizmente não posso...

FABIO.

V. Ex. não comprehende como é lamentavel, como pôde ser funesta qualquer demora... perdão... sei que V. Ex. não se apraz da minha presença e só um caso extraordinario me obrigaria...

HELENA.

Meu marido não está em casa, e ignoro, ondè o possa encontrar fóra do seu escriptorio.

FABIO.

Oh! não é por embaraços da minha vida, é por seu proprio marido, que vim sujeitar-me a importunar á V. Ex... é preciso que elle me falle quanto antes.. ocorre um infortunio... uma contrariedade gravissima...

HELENA.

Em relação a Adriano?...

FABIO.

A situação é tal que... em desespero talvez V. Ex. ache um recurso em suas amizades... eu devo fallar...

HELENA.

De que se trata ?

FABIO.

Achando-se em grandes apuros, o Sr. Adriano assignou um deposito de seis contos de reis, que deve restituir amanhã... Tínhamos a promessa de um mez de espera; mas o malvado usurario faltou a ella, e exige o seu dinheiro.

HELENA.

E então?...

FABIO.

O Sr. Adriano... não tem em si aquella quantia. e se não achar quem lh'a empreste...

HELENA.

As consequencias?

FABIO.

Um deposito... oh! é ao Sr. Adriano que me cumpre fallar... *(como para sahir)* minha senhora... minha senhora...

HELENA.

Mas... se isto é verdade, eu quero saber tudo...

FABIO.

Não... não, minha senhora; talvez ainda seja possível...

HELENA.

Veio então só para amargurar-me? . . eu quero saber . .

FABIO.

Tem razão... e V. Ex. conta prestimosos amigos... é só quem póde impedir a maior desgraça; porque amanhã... a prisão... a deshonra..

HELENA.

Oh! a prisão de Adriano!..

FABIO.

Cumpre-me prevenir á V. Ex. que os recursos do Sr. Adriano estão esgotados e que ellê não achará quem lhe empreste..

HELENA.

Oh! se o Sr. Clarimundo não estivesse em pobreza... os meus brilhantes... mas valem tão pouco... meu Deus!... isso é verdade, senhor?...

FABIO.

Minha senhora, se não tem entre os seus amigos um, que para poupal-a á maior dôr, honre a firma de seu marido, habilitando-o para restituir o deposito, resigne-se: o Sr. Adriano deve occultar-se, fugir hoje mesmo.

HELENA.

Fugir?... e a deshonra?...

FABIO.

E a prisão amanhã?...

HELENA.

Meu marido!... oh!... isto é horrivel...

FABIO.

Confesso: eu não vim procurar o Sr. Adriano; vim prevenir á V. Ex. de que é indispensavel obrigar-o a fugir esta noite...

HELENA.

Fugir não!

FABIO.

Conta pois com algum amigo?... veja bem...

HELENA.

Oh! Adriano! meu marido!... (*Cabe sentada chorando.*)

FABIO.

Não se consterne... não posso vel-a assim... attenda... minha irmã é rica... muito sua amiga... e basta uma

palavra de V. Ex. para que 'nem mesmo lhe seja preciso passar pelo vexame do pedido... *(Com ternura.)*

HELENA *(levantando-se e fugindo.)*

Oh!...

FABIO.

Uma palavra, uma ordem sua, e eu...

HELENA *(levanta a cabeça e em silencio vae até á meza e toca a campainha).*

FABIO.

D. Helena!

SCENA VIII.

FABIO, HELENA e JOSÉ.

HELENA.

Entrega á este senhor o seu chapéo *(José obedece.)*

FABIO.

Minha senhora...

HELENA *(sem olhar estende o braço e aponta com o dedo a porta).*

José! convida este senhor á sahir. *(Fabio toma o chapéo e sahe arrebatado.)*

SCENA IX.

HELENA, CLARIMUNDO e CINCINNATO.

CLARIMUNDO.

Filha abençoada!... exulta!...

HELENA (*rompendo em soluços.*)

E Adriano!... e meu marido!... (*nos braços de Clarimundo.*)

CLARIMUNDO.

Eu o salvarei.

CINCINNATO (*de joelhos toma e beija a mão de Helena.*)

Perdão, minha senhora! beijo-lhe o santo dedinho indicador que mostrou a porta da rua ao diabo.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV

A mesma decoração do primeiro acto.

SCENA I.

BRAULIO e GERTRUDES.

BRAULIO.

Assim é que é: sessão cheia! pensei que o hespanhol me tivesse desacreditado a casa, e hoje acudio ainda mais gente! eu tinha chegado á calcular com a necessidade de mudar de acampamento.

GERTRUDES.

Ora... a policia aqui é tão bôa!

BRAULIO.

Em signal de gratidão não fallemos n'ella.

GERTRUDES.

E Dionyzia? em que ficamos?...

BRAULIO.

E' uma entrosga difficil! quem diria que o Quebra-louça em um abrir e fechar de olhos nos poria em revolução!... tres contos de reis!... é um homem de

bem: por mim estou resolvido á faltar a palavra ao Fabio, que é um impostor, e tanto mais que se arranja o negocio de modo que me deixam com cara de logrado, o que me serve para desculpar-me com elle...

GERTRUDES.

Eu desconfio do Cincinnato: é um estroina que se diverte á debicar-me.

BRAULIO.

Elle nos pagará: basta entregal-o á Dionyzia.

GERTRUDES.

O peor é que Dionyzia tem sua queda para Adriano.

BRAULIO.

Razão demais: isso indica ponta de capricho e ameaça de ligação demorada que não nos convêm. O Quebra-louça hade desesperal-a em tres dias, e não será capaz de soffrel-a tres semanas: antes de um mez recolheremos Dionyzia.

GERTRUDES.

Então vou ralhar com ella, e convencil-a de que deve preferir o Cincinnato. (*Vae a sahir.*)

BRAULIO.

Ao contrario: vae dizer-lhe cobras e lagartos do Quebra-louça, e sustentar a candidatura de Adriano; mas falla sempre na riqueza do outro: verás que ella muda de parecer: vocês todas são uns demonios de contradicção...

GERTRUDES.

Ora o Cincinnato! quando mal se esperava...

BRAULIO.

E' um homem de ouro! paga á vista e ao portador: conquista como Cesar, (*sussurro dentro*) começam...

UMA VOZ (*dentro.*)

Basta, Cincinnato?

CINCINNATO (*dentro.*)

Jogo por fóra para ter direito aos eclipses : faço um entre-parenthesis para avaliar o que ganhei na tripa.

OUTRA VOZ (*dentro.*)

Vae, malvado!

BRAULIO.

Elle chega . . . deves ir tocar; d'aqui a pouco faze Dionyza cantar algum lundú provocador.

SCENA II.

BRAULIO, CINCINNATO e GERTRUDES que se vae,

CINCINNATO.

Adeos, mamãe Gertrudes! (*ao encontra-la.*)

GERTRUDES.

Que diabo de homem! (*Vae-se.*)

BRAULIO.

Aborreceu-se do jogo?

CINCINNATO.

Venho triste : feliz no jogo, infeliz no amor : não apostei que não ganhasse... vou perder com a bella Dionyza... não é?...

BRAULIO.

Tenha mais confiança em si : merece muito e sabe querer as cousas : é pena que não procure recomendar-se melhor á Dionyza.

CINCINNATO.

Eu tomei por caminho a linha recta : procurei chegar ao coração da sobrinha, fazendo escorregar a mão pela bolsa do tio : sou da escola realista : fallei claro.

BRAULIO.

E eu lhe respondi que talvez arranjassemos tudo á contento.

CINCINNATO.

Talvez é o vago e o escuro : talvez é o animal que tem a cabeça escondida no sim, e a cauda enrolada no não. Eu fui mais positivo... no que fallei, apresento... olhe... é só para mostrar... (abre o carteira e mostra) seis notas de quinhentos...

BRAULIO.

Novas e bonitas... vejo bem; mas podem se fazer as cousas decentemente... o senhor é escabroso... exprime-se de modo...

CINCINNATO.

Nitido e transparente: resolva a questão.

BRAULIO.

Dê as suas ordens para que esteja prompto e á nossa porta o carro á meia noite. Heide convencer Dionysia.

CINCINNATO.

Convença-a; porque o carro chegará as onze horas tenho o costume de preparar a couve antes da carne: mas, pelo que me disse haverá em tal caso á sua porta dous carros para o mesmo fim, o de Adriano, e o meu: e se por engano a bella Dionysia... olhe, Sr. Braulio, tudo pode acontecer, menos sómente uma couza...

BRAULIO.

O que ?

CINCINNATO.

Ficar o senhor com o meu dinheiro, e eu sem a rapariga: declaração formal. Cincinnato Quebra-louça assignado por cima de estampilha.

BRAULIO.

Póde estar tranquillo: o senhor trata com um homem de bem.

CINCINNATO.

Isso está fóra de questão; mas em todo caso hade

ser como lhe disse : tres contos de réis á portinhola do carro, estando o passarinho dentro.

BRAULIO.

De accôrdo ; mas... o senhor nem respeita as conveniências...

CINCINNATO.

Quaes ? as suas ?... e esta ! quando lhe vou dar tres contos de réis !...

BRAULIO.

Não é isso : é que o senhor nunca namorou seriamente Dionyza... nem mesmo hoje...

CINCINNATO.

Como é que se namora serio ?... o namoro sempre me pareceu passatempo ridiculo... eu gosto do positivo.

BRAULIO.

Ajude-me : faça a côrte á Dionyza sentimentalmente ; ataque-lhe o coração.

CINCINNATO.

Sentimentalmente, e atacando-lhe o coração ?... vá feito : protesto que heide tocar-lhe na tecla.

BRAULIO.

Sobretudo não comprometta o negocio, fazendo alguma das suas costumadas esturdias : é o seu unico defeito : (*sôa o piano em preludio*) ouça... creio que ella vai cantar, deixo-lhe o campo livre. (*Vae-se.*)

SCENA III.

CINCINNATO e depois do canto DIONYZIA.

DIONYZIA (*cantando dentro: lundú.*)

Bonita e marotinha,
Eu sou como andorinha
Que, só, não faz verão.

Voando á sós no espaço,
Cahir quero no laço
Que prende o coração.

CINCINNATO (*canta.*)

Cahido e enrabixado
Sou peixe, teu pescado,
Com o anzol no coração.
Não fiques mais sósinha,
Vem cá, minha andorinha,
Vamos fazer verão.

DIONYZIA (*rindo-se dentro.*)

Ah! ah! ah! ah! (*canta.*)

O amor de uma andorinha
Na sombra se amesquinha,
Quer lucido esplendor.
Voando á sós no espaço,
Só cahiarei em laço
De eulleio encantador.

CINCINNATO (*canta.*)

Meu laço é um thesouro,
Jóias, brilhante, ouro,
Súcia, theatro, cêa,
Sedas, e até velludo,
Coques, anquinhas, tudo,
E a bolsa sempre cheia.

DIONYZIA (*canta dentro.*)

Sou terna e já me inflamma
Aquella viva flamma,
Que abraza o coração:
Presinto que a andorinha
Não fica mais sósinha,
E vae fazer verão...

CINCINNATO (*canta.*)

Por mim estou em brazas...
Se queres, bate as azas,
Me deixa ser ladrão;
Vamos tecer um ninho,
Vôa, meu paassarinho,
Vamos fazer verão.

DIONYZIA (*dentro.*)

Ah! ah! ah! ah! (*rindo-se*) mamãe, já vio moço mais engraçado! (*Cincinnati vae para a frente, mas observa.*)

GERTRUDES (*dentro.*)

Que te importa o moço?... tens ás vezes modos que não parecem de uma menina recatada! (*Cincinnato põe a mão na boca para conter o riso e vendo que Dionyzia vem, tira a carteira e põe-se a contar o dinheiro.*)

DIONYZIA* (*chegando.*)

Ah! era o Sr. Cincinnato! que bella voz!...

CINCINNATO.

Minha linda senhora... a sua voz é que é estupenda mesmo quando não canta; mas devo confessar que n'este momento me atrapalhou!

DIONYZIA.

Como?...

CINCINNATO.

Fez-me errar a conta... eu dava balanço no capital e nos lucros d'esta noite e já não sei, se estava em cinco ou em sete contos... é claro que com a senhora á meu lado não me é possível sommar... e ainda menos poderei multiplicar o dinheiro... diminuir ha de ser facil, não acha?... (*Guarda o dinheiro que Dionyzia olhava.*)

DIONYZIA.

O senhor é original.

CINCINNATO.

Dizem isso: mas eu não creio. Que formosa moça!... (*Toma-lhe a mão.*) Que mãosinha de setim! (*Beija-a*) Sabe a geléa de maçãs.

DIONYZIA.

Deverás o senhor ama-me?...

CINCINNATO.

Com furiosa paixão; eu porém sou franco e nitido: não sei alambicar finezas como o feliz Adriano... vou logo direito ao coração, e ao sentimento... encantadora Dionyzia! queres ajudar-me á devorar em poucas semanas o miolo d'esta carteira, e mais tres duzias de contos de réis que tenho depositados no thesouro?... é logo sim ou não para poupar emoções... sim ou não, andorinha?...

DIONYZIA.

O senhor ou brilha pela franqueza, ou perde pela zombaria. Fallemos seriamente: que pensa de mim, e como é o seu amor?...

CINCINNATO.

Penso que tens enganado á cincoenta, e que contas comigo para enganar a cincoenta e um. Eu te adoro apesar d'isso; mas não respondo pela constancia do meu amor... fica á teu cuidado perpetual-a.

DIONYZIA.

Mas o senhor falla ainda melhor do que canta!

CINCINNATO.

E' que conheço as claves, e canto conforme a letra, e o espirito da musica. Proponho-te um accôrdo philosophico e sentimental: tu amar-me-has apaixonadamente enquanto eu tiver dinheiro para gastar, ou não te der o vento para outro lado; eu te adorarei, enquanto não me esfriar esta paixão eterna: em caso de arrependimento de qualquer dos dous... bons dias ou boas noites, e viva a liberdade!

DIONYZIA (*pondo-lhe a mão no hombro.*)

E's um anjo, meu Cincinnato!...

UMA VOZ (*dentro.*)

Isto é escandaloso!... (*Sussurro.*)

CINCINNATO.

Aquillo não é comnosco; podes tranquillisar-te.

OUTRA VOZ (*dentro.*)

Eu jogo franco e lizo... cem mil réis!

CINCINNATO.

Aquillo sim, é comigo; franco e lizo.

OUTRA VOZ (*dentro.*)

Aceito!

CINCINNATO.

E, tu aceitas, ladrão ?...

DIONYZIA.

A' meia-noite batemos as azas !

CINCINNATO.

E saudades á Adriano !

DIONYZIA.

Ora!... que bâte a outra porta... é um tolo. Adeus!
até a meia-noite... devo tomar algumas disposições...
estou douda por ti, meu Quebra-louça; conta comigo.
(Dá a mão á Cincinnato e vae-se.)

SCENA IV.

CINCINNATO -que acompanha DIONYZIA até a porta, e volta coçando á cabeça,
como contrariado e DEMETRIO.

DEMETRIO.

Esta casa é um covil de larapios ! depennaram-me.

CINCINNATO.

E estão para me depennar: consola-te.

DEMETRIO.

Acho-me em singular e doloroso embaraço...

CINCINNATO.

E eu!... nem fazes ideia... estou com uma corda
ao pescoço...

DEMETRIO.

Perdi quatrocentos mil réis...

CINCINNATO.

E eu **daria** oitocentos para livrar-me de ganhar cer-
ta partida...

DEMETRIO.

Soffri indigna affronta...

CINCINNATO.

E eu acho-me dez mil vezes mais affrontado... tenho um pezadello horrivel...

DEMETRIO.

Quiz jogar sob palavra e torceram-me o nariz! foi um insulto!... e quando eu tinha a certeza de ir ganhar!... Cincinnato... emprestas-rae duzentos mil réis?... antes da cêa t'os restituo.

CINCINNATO.

Prodigio, não me falles em dínheiro: é cousa que me irrita os nervos: olha: na primeira todos cahem; na segunda só os tolos; na terceira só os doudos jurei não passar contigo do segundo grão.

DEMETRIO.

Por causa de alguns miseraveis centos de mil réis maltratas um amigo que por ti se tem compromettido em não sei quantas alhadas perigosas.

CINCINNATO.

Tú por mim nunca metteste prego sem estopa... tu. mas.. ora esta!... que boa idéa!..

DEMETRIO.

Empresta-me duzentos mil reis e me acharás prompto sempre á todos os sacrificios da amizade; empresta-m'os ..

CINCINNATO.

Pois bem: escuta, Prodigio: és capaz de quebrar louça hoje comigo?

DEMETRIO.

Sou: é experimentar.

CINCINNATO.

Não te empresto, dou-te já duzentos mil réis, e com elles ganha ou perde que pouco me importa; mas dez

minutos antes da meia noite á um signal meu deixarás o jogo, receberás mais trezentos mil réis, e irás com uma bonita rapariga patuscar alguns dias fóra da cidade, tendo para o resto d'esta noite hotel pago, e cêa á espera. Queres?

DEMETRIO.

Que patifaria é essa?..

CINCINNATO.

A rapariga é de pouco mais ou menos; não ha receio de intervenção policial. Os duzentos mil réis já sob compromisso de honra; (*contando o dinheiro*) os trezentos mil réis na hora aprasada... queres?...

DEMETRIO.

Mas... se não ha risco de bulha com a policia, dinheiro e moça bonita é ouro sobre azul... eu quero..

CINCINNATO.

E ainda mais uma rapariga de truz e por quem andas de queixo cahido...

DEMETRIO.

Aceito sem restricções: moça e dinheiro aceito.

CINCINNATO.

Toma, Prodigio; (*dá-lhe o dinheiro*) verás que a estrada é ainda melhor do que imaginas... a rapariga é Dionyzia... segredo!

DEMETRIO.

Oh! será possível!...

CINCINNATO.

Facilimo: eu te explicarei tudo, e te darei as necessarias instrucções... agora vamos jogar... (*Indo-se.*)

DEMETRIO.

E' sublime!... mas explica-me...

CINCINNATO.

Temos tempo: vamos jogar? (*Vão-se.*)

SCENA V.

FABIO e ADRIANO que entram.

FABIO.

Aposto que se eu não chegasse, não deixavas Diony-
zia?...

ADRIANO.

Hoje mesmo jurei não tornar á vél-a, e vim arreba-
tado cahir a seus pés.. esta mulher é a minha perdi-
ção... ah! se a visses e a ouvisses á pouco... é irre-
sistível.

FABIO.

Mas parecez afflicto...

ADRIANO.

Tóca a hora de uma acção indigna, que repugna á
minha consciencia, e á que me arrasta o delirio da
paixão; vou insultar publicamente minha mulher, dando
a Dionyza casa e tratamento! É uma revolta contra a
sociedade e contra Deus.

FABIO.

Que puerilidade! até hontem exagerei as proporções
e consequencias do erro que vás commetter: porque era
dever de amigo procurar impedil-o; mas agora... digo-te
a verdade; não praticas uma bôa acção; o teu peccado
porém é o mais commum dos peccados...

ADRIANO.

E Helena?...

FABIO.

Fará como tantas outras no seu caso: á principio la-
grimas e desespero, logo depois consolação nos theatros
e bailes.

ADRIANO.

Não! eu sinto que a minha traição será fatal á He-
lena! eu o sinto... e ainda assim... Oh! basta o pri-

meiro passo na ladeira escorregadia das paixões!... imprudente, o homem conta de mais comsigo... cedendo á capricho insensato, ouza uma vez levar aos labios a taça do vicio... e a embriaguez lhe annulla a vontade... deprava-lhe os sentidos... e o escravo do demonio, embalde o clamor da consciencia, vae de rojo caminho de opprobrio e de condemnação!

FABIO.

Eu conheço mais de cincoenta maridos que rir-se iam muito da tua ingenuidade!

ADRIANO.

Fabio!

FABIO.

Tua paixão por Dionyzia é talvez um favor da Providencia; porque te arrancará ao phrensi do jogo que te arruinou. Trabalharás, e, com o concurso da minha amizade, hasde reerguer o teu credito abalado no commercio. Não torna a jogar: tens muito que despende com Dionyzia...

ADRIANO.

Tens razão; mas jogarei esta noite pela ultima vez. Meu Deus! se eu ganhasse muito hoje!!!

FABIO.

Adriano, cuidado! (*Sussurro dentro.*)

ADRIANO.

Péza-me sobre o coração o deposito de seis contos de reis que amanhã não poderei restituir...

FABIO.

Pela terceira vez te asseguro que o usurario me prometteu a espera de um mez... é negocio concluido...

ADRIANO.

Meu amigo, tu me salvas... e nem pensas do que me salvas..

FABIO.

Vou jogar... se absolutamente queres tambem fazê-lo, vem.

ADRIANO.

Vamos... até a meia noite ah! se eu ganhasso muito!. (*Vão-se.*)

UMA VOZ (*dentro.*)

Eu jogo com as cartas viradas... cem mil reis na dama!

CINCINNATO (*dentro.*)

O dote é provocador; mas eu prefiro ficar solteiro...

SCENA VI.

DIONYZIA e GERTRUDES.

DIONYZIA.

Coitado! adora-me, como um cãesinho á sua dona! se o outro fosse bonito assim!... o Cincinnato é feio que espanta; mas tem a carteira tão cheia que faz gosto vêr!

GERTRUDES.

E além da carteira tem quarenta casas de sobrado de dous andares para cima...

DIONYZIA.

Diabo do feio! heide ser um incendio que lhe queimarâ em quarenta dias os quarenta sobrados. Hade me pagar caro o sacrificio do bello Adriano.

GERTRUDES.

Esse é que é bom rapaz; já é porém um crivo de dividas, e uma esteira velha de pobreza.

DIONYZIA.

Pois olhe mamãe, por mim não foi: comigo pouco despendeu: cinco vestidos de seda, um collar de perolas e outro de brilhantes, dous pares de brincos, e uma flôr das mesmas pedras, duas pulseiras, este relógio de ouro, um toilette completo de velludo carmezim, um

leque de madreperola, e este pince-nez... creio que não passou d'ahi. eu o amo tanto que trago de memoria os seus presentes...

UMA VOZ (*dentro.*)

Cincoenta mil réis.

CINCINNATO (*dentro.*)

Agora sim; eu sou dez.

OUTRA VOZ (*dentro.*)

O Cincinnato joga por fóra para pescar de canhão.

CINCINNATO (*dentro.*)

O peor é que muitas vezes vocês me comem a isca.

GERTRUDES.

Cuidado com o Quebra-louça, Dionyzia. Vê como elle é ladino...

DIONYZIA.

Está destinado a viver n'um inferno... começarei por obrigar-o á convidar Adriano para cear connosco tres ou quatro vezes por semana...

SCENA VII.

DIONYZIA, GERTRUDES e BRAULIO.

BRAULIO.

A hora se approxima... os dous carros já estão á porta. Dionyzia, não nos deixes por mais de um mez... eu irei fazer as pazes contigo... tu voltarás...

DIONYZIA.

D'esta vez com toda a certeza; porque vou-me com um homem tão feio, que é mesmo de obrigação reduzil-o em pouco tempo á cambista de theatro.

BRAULIO.

Sangue frio e rapidez na execução da fuga: Fabio

não nos atrapalha, porque conta com o negocio; mas Adriano está com os olhos no relógio...

DIONYZIA.

Coitadinho!

BRAULIO.

Dous minutos antes da meia-noite foge; acharás a porta da rua dous carros, sobe para aquelle que é puchado por cavallos... olha, não te enganes.

DIONYZIA.

Bem : e depois ?

BRAULIO.

O Cincinnato, levando o rosto coberto com um lenço branco que é o signal ajustado, subirá á assentar-se á teu lado... o carro partirá, c... adcus pombinhos! feliz viagem, e boa noite...

DIONYZIA.

Com o diabo do feio! ..

BRAULIO.

Que parvoice! vae cantar, se quizeres: á postos! vamos.

GERTRUDES.

Anda, afortunada rapariga! (*Vae-se Braulio para a E.*)

DIONYSIA (*indo-se e cantando.*)

Batendo a linda plumagem
O amante passarinho
Exhala ternos queixumes
Com saudades do seu ninho. (*Vão-se pelo F.*)

SCENA VIII.

CINCINNATO e DEMETRIO.— CINCINNATO olha em torno cuidadoso,

DEMETRIO.

Ora! quando o vento me soprava! ganhei só trezentos e vinte mil réis.

CINCINNATO.

Tens, pois, quinhentos e vinte, e dou-te mais trezentos mil réis: levas dinheiro para oito dias de pagamento rasgado: esta noite hotel ainda á minha custa, e amanhã sem falta segue com Dionyzia para Petropolis.

DEMETRIO.

E se ella não quizer?...

CINCINNATO.

Mostra-lhe a carteira e verás como ella applaude o cazo. Vae: espera na rua... o lenço branco no rosto... salta para dentro do carro, logo que Dionyzia embarcar, e o mais o cocheiro sabe.

DEMETRIO.

Esta é mesmo de Quebra-louça.

CINCINNATO.

Vae, feliz substituto! dou-te dinheiro e amor.

DEMETRIO.

Has de vêr o desempenho!... adeus. (*Vae-se pelo F.*)

SCENA IX.

CINCINNATO e BRAULIO.

BRAULIO.

O Demetrio se retira cêdo... parece que perdeu.

CINCINNATO.

Qual! ganhou: não faz idéa que perverso é elle! esta noite incommodou-me muito... digo-lhe que Demetrio e Dionyzia se namoram... creio que os apanhei em segredinhos... e com certeza riram-se um para o outro com ar de intelligencia!...

BRAULIO.

Dionyzia é vaidosa e o senhor é ciumento: não faça caso

d'isso. Ella está perdida pelo senhor ; mas . . . é quasi meia-noite : ultimemos a nossa transacção particular . . .

CINCINNATO.

Os tres contos de réis ? conte com elles á porta da rua, e quando Dionyzia estiver dentro do carro. Sem o passaro na gaiola não caio.

BRAULIO.

O senhor duvida da minha probidade ? (*dá meia-noite*)
Meia-noite!

CINCINNATO.

Um minuto para Dionyzia descer a escada e corro . . .

BRAULIO.

E o meu dinheiro ? . . .

CINCINNATO

A porta da rua . . . venha comigo . . .

SCENA X.

CINCINNATO, BRAULIO e GERTRUDES.

GERTRUDES.

Dionyzia foi-se . . .

CINCINNATO.

A pontualidade me entenece . . . vamos . . .

BRAULIO.

E o meu dinheiro ?

CINCINNATO.

Á porta da rua, (*roda um carro*) um carro que parte . . .
oh! vamos! . . . (*Vão-se Cincinnato e Braulio correndo.*)

SCENA XI.

GERTRUDES e ADRIANO.

ADRIANO.

Dionyzia!...

GERTRUDES.

Já desceu: sem duvida o espera; mas...

ADRIANO.

Oh! (*quer correr e Gertrudes o impede.*)

GERTRUDES.

Olhe que meu irmão correu á persegui-la... não se deite á perder...

ADRIANO.

Deixe-me! ella me espera... (*partindo.*)

SCENA XII.

GERTRUDES, ADRIANO, CINCINNATO e BRAULIO.

BRAULIO.

E' uma infamia!...

CINCINNATO.

Patifaria descommunal!... Dionyzia fugio com Desiderio! e o senhor... o senhor... (*em simulado furor.*)

ADRIANO.

Dionyzia! oh! Dionyzia!... (*vae-se, correndo.*)

SCENA XIII.

GERTRUDES, CINCINNATO e BRAULIO.

GERTRUDES.

Minha filha!... não entendo...

BRAULIO.

Entende! você é abelha mestra! você entrou nesta pouca vergonha!... (*Gertrudes fica espantada*) entrou!...

CINCINNATO.

E eu!... atraído... ameaçado no meu dinheiro... ferido no coração... o golpe foi profundo... ingrata Dionyzia!... fica declarado que ella... e os senhores... firma industrial, Dionyzia & C.^a me assassinam... fica declarado... Cincinnato quebra-louça assignado por cima de estampilha. (*cahe, fingindo desmaiar*) ah!...

BRAULIO.

E ainda em cima a zombaria!... foi uma conjuração... o senhor me hade pagar!... é um estellionato!...

SCENA XIV.

CINCINNATO, GERTRUDES, BRAULIO.— CREADO apressado.

CREADO.

Com urgencia... com urgencia... (*dá uma carta a Braulio.*)

BRAULIO (*á um lado e Gertrudes' lendo pelo hombro de Braulio.*)

« Por amor da bella Dionyzia : dentro de meia hora a policia cercará a sua casa : ha denuncia de que ahi está jogando um caixeiro que falsificou a firma do amo em letras que descontou na praça. Previna-se : queime este bilhete.» Inda mais esta!... a policia!... (*corre para a D.*)

GERTRUDES.

Misericordia!...

CINCINNATO (*levantando-se.*)

Dionyzia foi preza?...

GERTRUDES.

Não... não... é a policia que vem cercar-nos a casa!...

CINCINNATO.

A policia?... em casa de jogo?... a velha dormente?... oh! enquanto ella pinta os cabellos, põe as anquinhas, e calça as botinas, eu toco a retirada em passo ordinario sem receio de encontro perseguidor. (*Vae-se: ansiedade de Gertrudes.*)

SCENA XV.

GERTRUDES, BRAULIO, FABIO e JOGADORES todos em susto e desordem, fallando precipitados o quasi á um tempo.

VOZES.

A policia! a policia!...

GERTRUDES.

A casa já está cercada!

VOZES.

Tranque-se a porta! (*trancam-se as portas.*)

VOZES.

O azylo do cidadão é inviolavel...

GERTRUDES.

Ouço passos na escada...

UM VELHO.

Sou official da Ordem da Rosa e tenho honras de coronel... hão de respeitá-as...

UM JOVEN.

E meu pai! e meu pai!...

UMA VOZ.

Oh! que desgraça!...

VOZES.

Que foi?...

A MESMA VOZ.

Um moço atirou-se da janella abaixo!...

VOZES.

Infeliz!... é o caixeiro!...

OUTRAS VOZES.

Fujamos pelos fundos da casa!...

BRAULIO.

Senhores!... a casa ainda não está cercada...

GRITO GERAL.

Fujamos!... (*corrida geral.*) (*)

FIM DO QUARTO ACTO.

(*) Em todo este acto haverá por vezes musica de piano, conforme o mais vivo exaltamento dos jogadores que se fará sentir por ~~vôzes~~ encontradas e ruído, embora menos vehemente, do que no primeiro acto.

ACTO V

A mesma decoração do terceiro acto.

SCENA I.

CLARIMUNDO, JOSÉ que entra, e logo CINCINNATO,

CLARIMUNDO (*vendo José.*)

Emfim !

JOSÉ.

O Sr. doutor já não estava em casa: deixei a carta.

CLARIMUNDO (*impaciente.*)

E Helena poderá esperar?...

CINCINNATO (*entrando.*)

Boletim da batalha de hontem...

CLARIMUNDO (*a José.*)

Vai-te. (*a Cincinnato*) Tú aqui? .. e essa maldita mulher...

CINCINNATO.

Estamos livres della: pensou que fugia comigo e achou-se em caminho com um substituto que arranjei de pé para a mão.

CLARIMUNDO.

É Adriano?

CINCINNATO.

Ainda não voltou?...

CLARIMUNDO.

Desde hontem de manhã... o ingrato!... enquanto a esposa ameaçada talvez da morte...

CINCINNATO.

D. Helena!

CLARIMUNDO.

Passou horrivel noite: o medico deixou-a adormecida ao amanhecer; ella porém despertou uma hora depois em novo ataque nervoso, e esperem lá o doutor!... agora dormio outra vez... embora... eu quero um medico á sua cabeceira...

CINCINNATO.

Em dez minutos está servido... (*tomando o chapéo.*)

CLARIMUNDO.

Merece confiança? (*pára um carro.*)

CINCINNATO.

É moço; mas vale um velho sabio... um carro... é talvez o medico...

CLARIMUNDO.

Que seja... vai buscar o outro... um hade ficar aqui.

CINCINNATO.

Vou como se fosse em velocipede. (*Vai-se.*)

SCENA II.

CLARIMUNDO que acompanha Cincinnato até á porta :— URSULA.

CLARIMUNDO (*ao vêr Ursula.*)

Ah! minha senhora...

URSULA (*entrando.*)

Sr. Clarimundo... (*dá-lhe a mão*) D. Helena?... o seu medico, que tambem é o meu, acaba de dar-me noticias que me affligiram... e corri...

CLARIMUNDO.

Que pensa elle?...

URSULA.

Por ora nada de positivo; porque, pelo que diz, nem poudo fazer perfeito exame da doente no estado em que ella se achava...

CLARIMUNDO.

É verdade... terriveis phenomenos nervosos...

URSULA.

E agora? como está D. Helena?...

CLARIMUNDO.

Dorme socegada.

URSULA.

Se o permite, esperarei que ella accorde.

CLARIMUNDO..

Oh! eu agradeço muito á V. Ex. o interesse que toma por Helena... o dia vai ser talvez de amargurado pranto... V. Ex. tambem hade chorar... pois que é sensivel... quer vêr... minha filha no horror dos seus tormentos... Adriano sobe a escada... venha... entre...

URSULA.

Sr. Clarimundo...

CLARIMUNDO.

Por quem é... (*offerece-lhe a mão*) Desejo ficar só com Adriano.

SCENA III.

CLARIMUNDO que conduz Ursula até á porta e volta severo de braços cruzados — ADRIANO pallido e desfigurado.

ADRIANO.

Sr. Clarimundo... (*silencio de Clarimundo*) foi-me de martyrios a noite... (*silencio*) tenho soffrido muito... (*silencio*) porque me olha assim?... poupe-me... (*silencio*) ah Sr. Clarimundo... (*Clarimundo vae fechar e tira a chave da porta do interior.*) Porque fecha essa porta?...

CLARIMUNDO.

Hontem um homem que eu suppunha honrado, e á quem offereci o perdão de vergonhosos desatinos, prometteu-me solemnemente não tornar á jogar, e ser digno de sua esposa; e hontem mesmo elle jogou, e mentio á fidelidade conjugal, á honestidade, e ao brio: como é que devo hoje qualificar esse homem?...

ADRIANO.

Sr. Clarimundo! V. S. me insulta!

CLARIMUNDO.

Falle baixo...

ADRIANO.

Abusa do respeito talvez excessivo...

CLARIMUNDO.

Desgraçado! Helena está em perigo de morte, e aos gritos do algoz...

ADRIANO (*correndo á porta*).

Helena!... (*volta*) a chave d'aquella porta!... a chave!...

CLARIMUNDO.

Jogador desenfreado e vicioso, deixa que morra em paz a tua victima antes de sentir a fome e o horror da miseria, á que a reduziste! amante da mundanaria: adultero ostentoso, o teu lugar não é mais ao lado da honestissima esposa que ultrajaste, é no lodo do lupanar e nas orgias da devassidão!...

ADRIANO.

Oh!... é muito!... é muito!... mas... a chave d'aquella porta! eu quero vêr Helena...

CLARIMUNDO.

De joelhos, reprobado da sociedade e de Deus! de joelhos! e verte lagrimas que te queimem tanto as faces, e rompe em gemidos, que te rasguem tanto o peito, que possam merecer o perdão da tua ignominia!...

ADRIANO.

Sr. Clarimundo! é demais!... quaesquer que sejam os meus erros... as minhas loucuras, só meu pae poderia impunemente injuriar-me assim... prohibo-lhe que me falle desse modo!

CLARIMUNDO.

Teu pae!... teu pae se envergonharia de tal filho... teu pae te amaldiçoasse... talvez te amaldiçoasse... se eu fosse teu pae...

ADRIANO.

Não! não!... meu pae não me fallaria tão cruelmente!... meu pae se arrependeria de me haver deixado vinte e seis annos no deserto do desprezo e sem a sua benção!... meu pae, encontrando-me envilecido, culpado, se faria meu juiz; mas só para absolver-me n'um grito do coração!...

CLARIMUNDO.

Desgraçado!... e tú... (*em crescente commoção.*)

ADRIANO.

Não! não!... meu pae não seria execrador implacavel; meu pae sentiria no seu seio os tormentos que dilaceram o seio de seu filho!... meu pae revoltado contra mim, no impeto de colera justissima levantaria a mão para amaldiçoar-me; mas a sua mão descendo sobre a minha cabeça, faria o signal de benção...

CLARIMUNDO.

Adriano!... (*vivissima commoção.*)

ADRIANO.

Não! não! meu pae... ah! para que fallou de pae ao

engeitado... ao proscripto da familia, ao innocente condemnado no ventre materno?... se eu tivesse meu pae! Oh!... meu pae não engeitaria segunda vez o infeliz que não tem culpa de ter nascido!...

CLARIMUNDO.

Adriano!... Adriano!...

ADRIANO.

Não! não! não! meu pae, vendo-me na maior desgraça, na afflicção mais despedaçadora, meu pae... oh!... meu pae não me amaldiçoaria, meu pae me estenderia os braços, me diria—perdão!... choraria comigo... meu pae, que sem duvida amou minha mãe, não me negaria a chave d'aquella porta... (*chorando*) meu pae...

CLARIMUNDO (*chorando tambem.*)

Mas... eu sou teu pae!... meu filho!... eu te perdô!... meu filho!!

ADRIANO.

Oh!... oh!... meu pae!... (*cahe de joelhos: abraçam-se.*)

CLARIMUNDO.

Adriano!... meu filho!... meu filho!...

CINCINNATO (*dentro.*)

Eu e o meu doutor... (*Clarimundo e Adriano enxugam as lagrimas, etc.*)

SCENA IV.

CLARIMUNDO, ADRIANO, CINCINNATO e o DR. GONÇALVES.

CINCINNATO.

O Dr. Gonçalves...

CLARIMUNDO E ADRIANO.

Sr. doutor...

GONÇALVES.

Meus senhores... estou ás ordens...

CLARIMUNDO.

A nossa doente dorme depois de longo soffrer: teve esta noite vomitos, syncopes, delirio, e ataques nervosos que nos alvoroçaram: o Sr. doutor verá o que receitou e lhe fez applicar o seu collega assistente; nós porém queremos um medico, que véle ao pé da nossa querida Helena.

GONÇALVES.

Esperarei junto d'ella pelo meu collega. O somno, sendo tranquillo e reparador, é de bom agouro; mas tambem é em certos casos muito conveniente observar o somno...

CLARIMUNDO.

Venha, Sr. doutor; conte nos seus racciocinios com a mais forte emoção moral... tenha a bondade de entrar... (*á Adriano que se adianta*) Fica, Adriano, eu t'ò peço. (*Vae-se com Gonçalves.*)

SCENA V.

ADRIANO e CINCINNATO.

ADRIANO.

Vês?... eu sou um miseravel condemnado!... minha mulher está mal e me fecham a porta do seu quarto... isto quer dizer que eu fui o miasma de infecção... que eu sou o assassino de Helena!...

CINCINNATO.

Tem paciencia e espera: nas senhoras os nervos são revolucionarios que fazem muito fumo com pouco fogo; cá por mim não te prohibia a entrada na camara de Helena; pelo contrario para resuscitar a muribunda receitava um abraço e um beijo do marido.

ADRIANO.

Cincinnato! (*vae a porta e volta com afflicção.*)

CINCINNATO.

Fallo serio: desde que se fallou em phenomenos nervosos, fiquei mais esperançoso. Deus nos conservará D. Helena... e com tanto que te cures tambem da...

ADRIANO.

Basta...

SCENA VI.

ADRIANO, CINCINNATO e CLARIMUNDO,

CLARIMUNDO.

Helena continúa a dormir tranquillamente: o doutor ficou á sua cabeceira, e exige que esperes o seu chamado para te mostrares a tua mulher.

ADRIANO.

E que julga elle?...

CLARIMUNDO.

Parece animado: observando o somno, a respiração e a physionomia de Helena, mostrou-se contente...

ADRIANO.

Oh! que ella viva!... é de sobra para meu castigo o que estou soffrendo; porque é castigo, é punição que Deus me inflige... (*batem palmas*) póde entrar.

SCENA VII.

ADRIANO, CINCINNATO, CLARIMUNDO e VENCESLÃO.

ADRIANO.

Ah!

VENCESLÁO.

Creado muito humilde de VV. EEx.

CLARIMUNDO (*á Cincinnato.*)

Quem é este maltrapilho ?

CINCINNATO (*á Clarimundo.*)

Um ratazana... usurario petrificado...

VENCESLÁO (*á Adriano.*)

Creado muito humilde que vem receber as ordens de V. Ex... como não o encontrei no escriptorio...

ADRIANO.

Desculpe : o meu amigo Fabio assegurou-me que se tinha entendido com o senhor sobre o nosso negocio...

VENCESLÁO.

O Sr. Fabio nem me fallou, nem me appareceu, e com a devida venia, não havia de que fallar ; porque o prazo é fatal...

ADRIANO (*perturbado.*)

Fabio !... é impossivel !...

VENCESLÁO.

É tão possivel, como é certo que o prazo fatal... chegou... e...

ADRIANO.

Senhor... eu pensava... (*agitadissimo*) tenha a bondade de acompanhar-me... (*indo.*)

VENCESLÁO.

Pois não ! eu sou o mais humilde creado de V. Ex... (*indo.*)

CLARIMUNDO.

Para que segredos inuteis ?... (*á Vencesláo*) senhor... senhor...

VENCESLÁO.

Vencesláo Innocencio da Caridade para servir á V. Ex.

CLARIMUNDO.

Sr. Vencesláo, o Sr. Adriano não póde attender hoje á negocio algum... tem a esposa entre a vida e a morte!...

VENCESLÁO.

Que desgraça! juro que sinto muito... mas o prazo é fatal...

CLARIMUNDO.

E quem lhe pede que sinta ou não sinta? (*consulta o relógio*) Ao meio dia em ponto póde ir no escriptorio do Sr. Adriano levantar o seu deposito de seis contos de réis. (*Confusão de Adriano.*)

VENCESLÁO.

Humilde creado de VV. EEx.l.. como o prazo era fatal... ah! ah! ah! (*rindo*) eu não desconfiava... mas nos casos em que o prazo é fatal... humilde creado de VV. EEx... (*Vae-se.*)

CLARIMUNDO.

Esperem-me ambos. (*Entra no gabinete.*)

SCENA VIII.

ADRIANO E CINCINNATO.

CINCINNATO.

Coragem! o maior perigo vai passar..

ADRIANO.

Oh!... e como!... este deposito... eu não tenho dinheiro...

CINCINNATO.

Tinha-o eu... não para o jogo, nem para Dionyzia... tinha-o eu, e te esquecias de mim; mas o Sr. Clarimundo não está pobre... é rico, e isso é muito melhor para nós ambos...

ADRIANO.

Rico!... e salva-me!... (*silencio*) mas... se não fosse elle... Cincinnato! ha seis mezes eu era o mais feliz dos esposos e o meu credito igualava á minha probidade: vida serena em casa, estima geral no publico, fortuna prospera abençoavam a minha honra, o meu amor e o meu trabalho: oh!... porque não morri á seis mezes!...

CINCINNATO.

Para D. Helena não ficar viuva... em toda esta meada eu sinto a mão de Deus sobre a cabeça do anjo.

ADRIANO.

O jogo e uma mulher perdida, destruíram em breves semanas como dois incendios a minha fortuna, a minha honra e mancharam o meu amor... e pelo jogo, que é vicio aviltante, e por essa mulher, que todos podem comprar, hoje um usurario me faria recolher á prisão e marcar na minha frente o sello da maior ignominia; porque hoje elle poderia ter-me chamado... estellionatario... ladrão... Oh!... eu começo a presentir que estou salvo; mas a vergonha e o opprobrio estão aqui! (*aponta o coração*) na consciencia algóz.

SCENA IX.

ADRIANO, CINCINNATO E GLARIMUNDO.

GLARIMUNDO (*dando um papel a Adriano.*)

Entrega esta carta de ordem á casa commercial a que é dirigida, e que a espera desde hontem: em meia hora no teu escriptorio, em uma aqui. Se tens a desgça de dever a Fabio, manda immediatamente pagar-lhe: Cincinnato, acompanha-o e volta com elle. Vae... apressa-te... (*a Adriano*) então?... vae! (*Adriano ajoelha-se*) Que é isto?...

ADRIANO (*tremulo e commovido.*)

Helena... que eu não vi... (*Soluçando.*)

CINCINNATO.

Elle tem razão!... (*Enternecido.*)

CLARIMUNDO (*commovido.*)

Vem... um instante só... da porta do quarto...
(*leva-o pela mão; e logo depois volta, trazendo-o um pouco à força.*)

CINCINNATO (*commovido.*)

Querem atirar-me no sentimental... eu protesto...

CLARIMUNDO (*abraçando Adriano.*)

Vae com Deus!... (*Cincinnato vae-se, levando Adriano.*)

SCENA X.

CLARIMUNDO e logo JOSÉ.

CLARIMUNDO (*acompanha os dous até á porta: enxuga as lágrimas: senta-se, parece soffrer: levanta-se, vae á porta do interior e chama com voz abafada.*)

José! (*entra José.*) Dize á Sra. D. Ursula que eu lhe peço o favor de dar-me uma palavra: (*vae-se José: Clarimundo vae trancar a porta de entrada e senta-se até que Ursula entra.*)

SCENA XI.

CLARIMUNDO e URSULA.

URSULA.

Aqui estou.

CLARIMUNDO.

E Helena dorme ainda?...

URSULA.

Dorme: deixei a creada no quarto para que ella no caso de despertar, não se assuste, vendo-se á sós com o doutor que lhe é desconhecido. (*Clarimundo vae trancar a porta do interior*) Porque tranca a porta?...

CLARIMUNDO.

Para que ninguém perturbe a nossa conversação. V. Ex. faz-me a graça de sentar-se? (*aproximando uma cadeira.*)

URSULA (*sentando-se.*)

E o senhor?

CLARIMUNDO.

Ficarei de pé.

URSULA.

O senhor me confunde...

CLARIMUNDO.

Confundi-la-hei talvez. O que me trouxe do Rio da Prata, minha senhora, foi o cuidado da sorte de Helena e de Adriano: á este vim achar arruinado pelo jogo e pela ligação com uma mulher corrupta; áquella encontrei resistindo nobremente a um plano infame de sedução, e martyrisada pelo conhecimento da infidelidade do marido. É V. Ex. quem me pôde explicar completamente estes factos.

URSULA.

É uma inquirição! com que direito?...

CLARIMUNDO.

Com o direito do passado que a accusa nas circumstancias do presente! V. Ex. não hade matar impune uma virtuosa esposa.

URSULA.

Senhor!... (*levantando-se.*)

CLARIMUNDO.

Ha vinte e seis annos V. Ex., que então contava dezeseite, casou (*com abalo*) com um velho... miseravel millionario... de quem enviuvou dous annos depois, herdando-lhe toda a fortuna...

URSULA.

Meus paes pobrissimos me impuzeram esse sacrificio... sabe-o!...

CLARIMUNDO.

Não me importa isso! mas V. Ex. viuva, bella e rica apaixonou-se pelo mais nobre e distincto cavalleiro, por Mauricio de Araujo, que teria sido seu marido, se não fosse eu, que o arredei desse enlace, e que o fiz despozar a linda, a fiel a honestissima Helena...

URSULA.

Sr. Clarimundo!

CLARIMUNDO.

D'ahi dous odios... odio a mim, odio á rival preferida! V. Ex. não o póde negar, perseguio Helena com a intriga, com o aleive, procurou nodoa-la, attentou contra a mais pura amizade e chegou ao ponto de denunciarme a Mauricio como o amante de sua mulher...

URSULA.

Oh!... eu o acreditei e tinha raiva, porque eu me suppunha duás vezes offendida... duas vezes... e era demais para una mulher que havia sido amada!

CLARIMUNDO.

E agora? eu fui desde vinte annos o tutor de Helena, filha da pobre Helena que morreu como seu nobilissimo esposo á vinte annos; e agora? que explica esse odio d'além túmulo?... porque agora é V. Ex. que se finge amiga de Helena, e é seu irmão que perverte Adriano, e que se empenha em seduzir-lhe a esposa?... porque agora é V. Ex. que excita os ciumes da infeliz filha da sua antiga rival, e é o seu dinheiro, minha scnhora, que paga as traições de Fabio, e o envenenamento moral de Adriano?... Ursula! és tu, Ursula, que estás assassinando Helena!...

URSULA.

Não! por Deus, eu juro que não! odiei Helena, a mãe, eu amo Helena, a filha... Sr. Clarimundo, é verdade; Fabio me arrastou á esta casa... me comprometteu... me expoz a injustissimas suspeitas... oh! tudo mais é falso... dou dinheiro a meu irmão, porque é elle só o unico amor que me deixaram no mundo! mas eu não atraicoei Helena! é falso!...

CLARIMUNDO.

E Adriano... o pervertido...

URSULA.

Não sei... não sei... mas... Adriano... Adriano...

CLARIMUNDO.

Verdade, Ursula!...

URSULA.

E' seu protegido... talvez seu filho... eu queria de-
testá-lo... e não posso!

CLARIMUNDO.

Ursula!... tu foste má... tu és má... tu mentes, e
Deus te castiga. Ursula! antes do teu casamento nós
nos amamos...

URSULA.

Clarimundo! eu quero sahir... abre-me a porta...

CLARIMUNDO.

Houve em nosso amor uma hora de delirio...

URSULA.

Oh! eu quero sahir... abra-me a porta, ou grito!

CLARIMUNDO.

O fructo do amor criminoso que se escondeu ao mundo,
me foi confiado... depois a traição do casamento com
a riqueza do velho millionario fulminou o meu amor...
o que eu senti então foi odio e raiva... Ursula! eu te
suppuz mãe desnaturada, e vinguei-me!... recebeste o
annuncio da morte de nosso filho... mas...

URSULA.

E... então?... (*anciosa.*)

CLARIMUNDO.

Meu filho... não... não... tú foste má... tú és má...
(*indo abrir a porta*) pódes sahir...

URSULA.

Oh! não!... falla!... não quero sahir... acaba!

CLARIMUNDO.

Pois bem... eu menti... nosso filho vive!...

URSULA.

Meu filho!...

CLARIMUNDO.

Castigo de Deus! tú lhe cavaste a perdição... procuraste perverter-lhe a esposa... armaste contra elle com o teu dinheiro a perversidade de teu irmão...

URSULA.

Adriano! .. meu filho!..

CLARIMUNDO.

Castigo de Deuz! é completa a ruina de rosso filho, e hoje, atraído por Fabio, perseguido pelos eredores, já suspeito de um crime... a prisão.. a deshonra...

URSULA.

Oh! é falso! é impossivel! inda ha pouco elle estava aqui...

CLARIMUNDO.

Sim e foi escapar á perseguição que ó ameaçava aqui mesmo.

URSULA.

E tú que és seu pae.. e tú?...

CLARIMUNDO.

Não te disseram que estou pobre?...

URSULA.

Oh! tanto melhor! eu ainda sou rica... eu sómente o salvarei! onde está meu filho?... onde está?...

CLARIMUNDO.

Ursula! os compromissos são enormes...

URSULA.

Não excederão ao que possuo... e Adriano é meu

filho... é... eu o sinto no coração... e tú não sabes talvez... mas tenho um signal para reconhecê-lo... onde está elle?... depressa... eu quero ter a dita de salvar meu filho!...

CLARIMUNDO.

Ursula!... serás capaz de tão grande sacrificio?...

URSUSA.

Tudo... tudo... tudo... e não é sacrificio... é gloria... depressa...

CLARIMUNDO.

Deus negou-te essa consolação: sou mais rico do que tú: Adriano está salvo.

URSULA.

Ah!... embora!... abençoado sejas!... abençoado em nome de meu filho.

ADRIANO (*batendo de vagar.*)

José... abre, José!

URSULA (*querendo correr.*)

Meu...

CLARIMUNDO (*detendo-a.*)

Contenha-se: Adriano sabe já que sou seu pae; mas deve ignorar quem é sua mãe, até que Helena esteja livre de perigo (*em meia voz.*)

URSULA (*abatendo-se.*)

Ah!

ADRIANO (*batendo de vagar.*)

José... José...

CLARIMUNDO.

É preciso mesmo que elle a não encontre ao lado de Helena: profundamente resentido da mais vil perfidia de Fabio, volta sem duvida suspeitoso... desabrido... e seria cruel para todos nós... e sobretudo para ti... Ursula...

URSULA.

Meu Deus!... meu filho me aborrece...

ADRIANO (*dentro.*)

Quem falla ahi?... José! abre.

CLARIMUNDO.

Confia em mim, Ursula; entra neste gabinete e espera-me.

URSULA.

Tenha compaixão da mãe de seu filho. (*Entra no gabinete.*)

SCENA XII.

CLARIMUNDO, que abre a porta e ADRIANO.

ADRIANO.

Meu pae! e Helena?...

CLARIMUNDO.

Não ha novidade.

ADRIANO.

Ah!... (*respirando*) mas quando cheguei á porta do quarto antes de sahir, estava lá D. Ursula... já se retirou?...

CLARIMUNDO (*afastando-o do gabinete.*)

Falla baixo: porque o perguntas?...

ADRIANO.

Eu não quero a irmã de Fabio junto de minha mulher.

CLARIMUNDO.

Mais baixo: que sabes de D. Ursula?...

ADRIANO.

Acabo de abrir os olhos... fui indignamente compro-

mettido e atraído por Fabio; não creio que essa mulher seja alheia...

CLARIMUNDO.

Simplez desconfiança... eu também desconfiei; mas reconheci que fui injusto. D. Ursula está innocente; deves respeitá-la.

ADRIANO.

E' irmã de Fabio: rogar-lhe-hei o favor...

CLARIMUNDO.

Adriano... quero que ames e veneres essa senhora...

ADRIANO.

Oh! mas é impossivel!... meu pae... ella deve sahir da minha casa.

CLARIMUNDO.

Silencio! És capaz de dominar-te para obedecer-me?...

ADRIANO.

Meu pae...

CLARIMUNDO.

Tu não podes fechar a porta de tua casa a D. Ursula... deves respeitá-la e amá-la, porque... silencio... domina-te... ella é tua mãe... (*voz muito baixa.*)

ADRIANO.

Oh! minha... (*grande commoção.*)

CLARIMUNDO.

Silencio! Ha vinte e seis annos que eu a fiz acreditar na tua morte... agora escuta: as emoções do reconhecimento da mãe e do filho poderiam ser fataes a Helena; tu, Adriano, domina-te: filho do amor mysterioso, não podes ser o primeiro a romper o segredo do teu nascimento, envergonhando tua mãe e abatendo-a na sociedade. Espera que Ursula falle... é o seu dever de mãe, e o seu direito de senhora.

ADRIANO (*com esforço.*)

Obedecerei... ella porém... (*com doçura*) minha mãe já sabe.. que eu sou seu filho?...

CLARIMUNDO (*prompto.*)

Não.. e portanto bem vêes que não podes... oh! sinto rumor lá dentro..

ADRIANO.

Eu vou...

CLARIMUNDO.

Espera a ordem do medico: o rumor não é de afflicção... foi Helena que despertou.. eu volto para levar-te. (*Vae-se.*)

ADRIANO.

Meu Deus!...

SCENA XIII.

ADRIANO e logo URSULA.

ADRIANO (*afflicto segue Clarimundo ate a porta e volta á um signal d'este, passeia agitado: Ursula sae, hesitando, do gabinete: silencio de ambos... luta intima... Ursula quer ir-se e volta... olham-se, tremem, ancia de ambos: não podem mais conter-se, atiram-se um ao outro.*)

URSULA (*grito abafado.*)

Meu filho!...

ADRIANO (*o mesmo.*)

Minha mãe!... (*abraçam-se.*)

URSULA (*abre a camisa de Adriano e examina o peito esquerdo.*)

Oh!... é meu filho! ..é meu filho!... (*abraçam-se: pranto de ambos.*)

SCENA XIV.

ADRIANO, URSULA e CLARIMUNDO.

CLARIMUNDO.

Helena despertou... o doutor está rindo-se... ah! e os senhores aqui fóra faltavam-me ambos á palavra!...

ADRIANO.

Que felicidade meu pae!

URSULA.

Que seja completa! oh Clarimundo! dá-me o pae de meu filho para que eu o apresente a todos!...

SCENA XV.

ADRIANO, URSULA, CLARIMUNDO, DR. GONÇALVES e logo HELENA, pallida, cabellos soltos e vestida de branco.

GONÇALVES.

Parabens! a molestia revelou doce gloria! a doente é uma esposa abençoada por Deus; e o marido, se foi leviano, como dizem, tem o perdão pela dita, e vae em breves mezes ser preso por mais um laço!...

ADRIANO (*correndo.*)

Oh, minha Helena!... minha Helena!...

HELENA (*apparecendo á porta e abrindo os braços.*)

Adriano!... meu marido!...

ADRIANO (*de joelhos.*)

Anjo de amor! anjo de perdão! anjo de bemaventurança na terra!

SCENA XVI.

ADRIANO, ÚRSULA, CLARIMUNDO, DR. GONÇALVES, HELENA, e CINCINNATO.

CINCINNATO.

Tudo feito! perdão, minhas senhoras... mas eu vejo que por aqui arranjaram-se as cousas ainda melhor, do que eu as atranjei lá fóra!...

CLARIMUNDO.

O doutor fica sendo um amigo da familia; Cincinnato já o é; saibam pois o que em breve saberá a sociedade: Minha Helena! abraça o pae e a mãe de teu marido!...

HELENA.

Ah! como sou feliz!... *(abraçam-se os quatro.)*

CINCINNATO.

Por está não esperava eu!... mas eis ahi como pôde ter sua poesia um casamento de velhos. que disse eu?... perdão minha senhora, isto é só com o noivo!

URSULA *(apresentando Helena a Adriano.)*

Meu filho! adora-a!... Helena é mais do que fôrpoza, porque é santa... *(Adriano abraça Helena.)*

CINCINNATO.

Si o é!... *(commovido)* Este milagre Deus fez só por ella!... *(soluçando)* Estou fóra do meu elemento... de-claro-me enternecido e fica declarado: Cincinnato Quebra-louça... assignado .. por cima de estampilha.

FIM DO QUINTO ACTO E DA COMEDIA.

À VENDA

NA

LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO.

Julio Diniz — As apprehensões de uma mãe e Uma flôr d'entre o gelo, romances, 2\$. Os novellos da tia Philomela, com o retrato da author, 2\$. A morgadinha dos Canaviaes, chronica da aldeia, 2 vols., 2\$500. Uma familia ingleza, scenas da vida do Porto, 3\$. As pupillas do Sr. Reitor, chronica da aldeia 2\$.

Faustino X. de Novaes — Manta de retalhos, 2\$. Cartas de um roceiro, 2\$500. O futuro, um grande volume com romances, poesias, musicas e estampas, 6\$. Poesias, 2 vols. 5\$. Scenas da Foz, comedia, 1\$.

Telxreira e Souza — Tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuita, 2.ª edição, 3 vols. 6\$. A Providencia, 5 vols. 6\$.

Timandro — O Libello do Povo, 1\$500.

Casimiro de Abreu — Primaveraes, poesias, 3\$.

Fernandes da Rocha — Isbella, romance, 3\$. O espectro de Helena, em sonhos ao homicida, 500 rs.

Barbosa Rodrigues — Contos nocturnos, 3\$. O livro de Orlina, 2\$.

Santos Neves — Homenagem aos herôes brasileiros na guerra contra o governo do Paraguay, 1 vol. com estampas, 5\$.

Pousson du Terrail — Os filhos de Judas, 2 vols., 4\$. A mocidade de Henrique IV, 8 vols., 14\$. A rainha das Tranqueiras, 4 vols., 5\$. O rei dos Ciganos, 8 vols., 5\$. O pagem de Luiz XIV, 3\$500. O Rocambole, sendo: 1.ª parte, A herança mysteriosa, 2 vols., 4\$. 2.ª parte, O club dos valetes de copas, 2 vols., 5\$. 3.ª parte, As proezas de Rocambole, 2 vols., 5\$. 4.ª parte, Desforra de Baccará, 2\$. 5.ª parte, Cavalleiros do Luar, 3\$. 6.ª parte, Testamento do Grão do Sal, 3\$. 7.ª parte, Resurreição do Rocambole, 2 vols., 6\$. 8.ª parte, Ultima palavra de Rocambole, 4 vols. 9\$.

Tavares Bastos — Cartas do Solitario, 2.ª edição 3\$.

Homem de Mello — A Constituinte perante a historia, 1 vol. de 200 paginas, 1\$500.

Paulo Feval — O filho do diabo, 2 vols., enc., 4\$. A Loba, 3 vols., 2\$. Os companheiros do silencio, 4 vols., enc., 8\$.

Castello de Paiva — Novissimos ou ultimos fins do homem, 2 grossos vols. 4\$.

Fétis — Dictionario das palavras que habitualmente se adoptam em musica, enc., 5\$. A musica ao alcance de todos, ou noticia succinta de tudo o que é necessario para ajuizar e fallar desta arte, enc., 5\$.

M. J. dos Santos — Grammatica da musica ou elementos theoricos desta bella arte, enc., 5\$.

Maya — Manual de Estylo, enc., 2\$500.

Vasconcellos — Compendio de arte poetica, versificação, estylo etc., 2 vols., enc., 4\$.

Cezar Cantu — Historia universal, 12 vols., enc., com estampas, 80\$. Margarida Pusterla, romance, 2\$.

F. Vasconcellos — Uma mulher honesta, scenas de nossos dias, 2\$.

Theophilo Braga — Visão dos tempos, 2.ª edição, 1\$500. Temperadas sonoras, enc., 3\$. O cancionero de Berriano, 3\$. Cancioneiro e romanceiro geral portuguez, 3 vols., 5\$.

Nronha — Memorias de um chamito, 1\$.

C. Castello Branco — Espinhos e flôres, drama. Morgado de Fafe atrevido, comedia. Morgado de Fafe em Lisboa, comedia. Poesia ou dinheiro? drama em 2 actos. Ultimo acto, drama.

José C. dos Santos — O anjo da paz, comedia em 2 actos. Historia de um homem bonito, comedia em 1 acto. O bom homem de outro tempo, comedia em 1 acto. Joaquim da Terra Nova, comedia em 1 acto. Infellicidades de um marido feliz, comedia em 1 acto. O segredo de uma familia, comedia em 3-actos. O pai prodigo, comedia em 3 actos. O homem das cautelas, comedia em 2 actos. Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos. Maria, ou o irmão e a irmã, comedia em 3 actos. Uma chavena de chá, comedia em 1 acto.

Mil e uma noites, collecção de contos, 8 vols., 10\$.

Amando e Oscar, romance, 4\$.

Dramas de Londres — 1.ª Os irmãos da resurreição, enc., 2\$500. 2.ª A taberna do Diabo, enc., 2\$500. 3.ª Mysterios do gabinete negro, enc., 3\$.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).